

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA

UMA ARQUITECTURA HOJE: RESGATAR O FUTURO NO PASSADO
CENTRO COMUNITÁRIO EM ALCÂNTARA

Gustavo Garrido da Silva Gonzalez Briz

Mestrado Integrado em Arquitectura

Júri:

Presidente: Professor Doutor Carlos Lameiro

Orientador: Professor Doutor Pedro Ravara

Co-Orientador: Mestre Jorge Nunes

Vogal: Arquitecto Pedro Costa

Lisboa, Dezembro 2011

Projecto Final de Mestrado

Título:

Uma Arquitectura Hoje: resgatar o Futuro no Passado.
Centro Comunitário em Alcântara

Mestrando:

Gustavo Briz, 6535

Orientador:

Professor Doutor Pedro Ravara

Co-Orientador:

Mestre Jorge Nunes

FAUTL

Mestrado Integrado em Arquitectura

2010/2011

RESUMO

O presente trabalho pretende reflectir sobre a relação entre sociedade e arquitectura, no rescaldo da modernidade, e compreender o papel determinante que a arquitectura desempenha para traçar novos futuros.

Pretende-se primeiramente traçar um retrato da sociedade e arquitectura contemporâneas, e compreender o papel do capitalismo na transformação profunda do mundo em todos os quadrantes da vida, nomeadamente o tempo e o espaço, ou seja, na própria arquitectura, esta última entendida também como um produto do sistema capitalista.

Perante um discurso triunfalista, que decreta o fim da história, o pensamento utópico é descreditado. É ainda objectivo desta reflexão, compreender o valor da utopia enquanto catalizador de mudança, o seu papel ao longo da história, e, especialmente, ao longo do século XX. De seguida, pretende-se propor uma visão de um futuro possível, um futuro simples, no qual o decrescimento económico, se estabelece como paradigma de pensamento e acção, ou seja, um futuro cujo objectivo essencial da economia não se baseia no crescimento contínuo.

Por último, pretende-se reflectir sobre uma condição imutável do homem que, apesar das mudanças vertiginosas que assolaram a humanidade nos últimos séculos, é, ainda passível de ser recuperada e reinterpretada na produção do espaço público e na criação de comunidades urbanas coesas e sobrepostas, num mosaico de culturas diversificadas, coabitando na cidade. A rua e a praça enquanto tipologias do espaço público intemporais, são ainda elementos a ter em conta na construção das cidades actuais.

O projecto centra-se num Centro Comunitário, como espaço de práticas sociais alternativas, como ponto de encontro, de sociabilidade e convívio, gerador de um sentido comum e de partilha, e que abre o caminho para a mudança social.

Palavras-chave: *Utopia, capitalismo, espaço público, sociedade, tempo*

Master Final Project

Title:

An Architecture Today: rescuing the Future within the Past
Community Centre in Alcântara

Applicant:

Gustavo Briz, 6535

Dissertation advisor:

Professor Doutor Pedro Ravara

Dissertation co-advisor:

Mestre Jorge Nunes

FAUTL

Master in Architecture

2010/2011

ABSTRACT

The current work intends to reflect on the relationship between society and architecture, on the aftermath of modernity, and try to understand the determining part architecture plays in tracing new futures.

First off, it sets to trace a portrayal of contemporary architecture and society, and an understanding of the role of capitalism in the deep transformation of the world in all quadrants of life, namely time and space, that is, in architecture itself, also understood as a product of the capitalist system.

Face to a triumphalist discourse, one that decrees the end of history, utopian thinking is discredited. It is also a goal of this reflexion to understand the value of utopia as catalyst for change, its role throughout history and, especially, along the twentieth century. Moving along, it proposes a vision of a future possible, a simple future, on which economic de-growth establishes itself as a paradigm of thought and action, that is, a future where the essential goal of economics is not continuous growth.

Lastly, it intends to reflect over an immutable condition of man that, despite vertiginous changes that swept mankind in the last centuries, can still be recovered and reinterpreted in the production of public space and in the creation of cohesive overlapped urban communities, in a mosaic of diverse cultures, cohabiting the city. The street and the square as timeless urban typologies are, as well, elements to consider when building cities today. The project's focus is a Community Centre, as a space for alternative social practices, as a gathering point, a point for sociability and conviviality, enabling a sense of common and sharing that paves the way for social change.

Keywords: *Utopia, capitalism, public space, society, time*

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. PRESENTE ESTADO DE COISAS	5
ARQUITECTURA E SOCIEDADE	7
Escombros da Modernidade	10
TEMPO E ESPAÇO	15
Capitalismo Triunfante	19
3. ESBOÇOS DE UM FUTURO POSSÍVEL	23
A CONSTRUÇÃO DE UTOPIAS	25
Ausência de alternativas	26
Utopia e cidade	28
Utopias degeneradas	30
Outros lugares	32
UM FUTURO SIMPLES	35
4. INCURSÕES NO PASSADO	41
CONDIÇÃO IMUTÁVEL DO HOMEM	43
Comunidades urbanas	44
Domínio público e esfera privada	48
O ESPAÇO INTEMPORAL	51
A rua, palco do quotidiano	52
A praça, repositório de um destino comum	55
5. CENTRO COMUNITÁRIO EM ALCÂNTARA	59
O LUGAR	61
Plano urbano	61
Espaço público	65
O EDIFÍCIO	66
6. CONCLUSÃO	71
7. BIBLIOGRAFIA	73
8. ANEXOS	
Processo de trabalho	
Lista das peças desenhadas	
Peças desenhadas	

*Há demasiadas interrogações neste nosso mundo [...]:
donde viemos? Para onde vamos? E o que é que vamos
comer hoje à noite? Se para dois terços da humanidade
a terceira questão é a mais importante, para nós, no
Norte, empanturrados com o excesso de consumo,
deixou de ser uma preocupação.*

Serge Latouche¹

*You the people have the power, the power to create
machines, the power to create happiness. You the
people have the power to make life free and beautiful, to
make this life a wonderful adventure.*

Charlie Chaplin²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma reflexão sobre a relação entre arquitectura e sociedade; sobre o modo como a arquitectura desempenhou, ao longo da história, um papel determinante na construção de novos ideais de cidade, e portanto de uma nova realidade social. E, ainda, sobre a validade para a cidade contemporânea de determinados factos urbanos que são constantes através dos tempos.

A época contemporânea baseia-se num ininterrupto acelerar do tempo, num constante crescimento de ofertas, de escolhas, de necessidades; depois de uma modernidade doutrinária vivemos um ecletismo teórico, estético e cultural, aquilo a que se tem vindo a apelar de pós-modernidade. No entanto, apesar da multiplicidade de ideologias, estilos e visões do mundo que a pós-modernidade abarca, afirma-se um modelo hegemónico: o capitalismo, dito tardio, expresso na globalização da economia de mercado-livre. Isto significa que, aparentemente, existem inúmeras alternativas sob a égide da pós-modernidade; no entanto, a existirem, nenhuma é capaz de ultrapassar a, também aparente, inevitabilidade do capitalismo. O capitalismo apresenta-se na nossa era como o culminar do progresso tecnológico e científico, o apogeu das aspirações da humanidade, da democracia e da igualdade, na medida em que num mercado livre todos os indivíduos são tratados equitativamente. A dialéctica prevalecente é a de que mesmo sendo imperfeito, e claramente o é, e apesar de atravessar ciclicamente crises profundas que abalam profundamente as suas bases, o capitalismo é a melhor, senão a única, alternativa.

A construção de utopias tem vindo a ser desvalorizada e desmantelada. E, uma vez que o capitalismo triunfou sobre todas as outras formas de organização económico-social, o que é certamente confirmado pelo desmoronar do socialismo, qual seria a necessidade de procurar alternativas?

1 Serge Latouche, *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*, p.11

2 Charlie Chaplin, *O Grande Ditador*, filme de 1940

E é exactamente este discurso da ausência de alternativas ao *statu quo* que aprisiona a arquitectura na lógica capitalista de produção de espaço, a qual gera e agrava as desigualdades sociais a uma escala global para, assim, manter fulgurante a vitalidade dos mercados financeiros, que somente beneficia uma pequena minoria da população mundial, enquanto a restante vive das migalhas que a produção capitalista globalizada vai deixando. Assim, à arquitectura é-lhe retirada a sua função de construtora de novos ideais, pois estes não existem. O pensamento utópico ausenta-se totalmente da produção arquitectónica. Esta apenas se limita a dar forma às necessidades vigentes, e a única possibilidade de exercer a sua função visionária restringe-se somente ao aperfeiçoar do capitalismo e das suas presentes formas, consumistas, de ordem.

No culminar de um percurso académico, durante o qual nos entregamos a exercícios teóricos, mais ou menos utópicos, sem uma efectivação na realidade do espaço construído, e na iminência de enfrentar a prática da arquitectura, a qual pressupõe uma confrontação com a objectividade da realidade é ainda tempo de elaborar uma reflexão crítica sobre o paradigma no qual a arquitectura é produzida; e, perante este paradigma, imperfeito, injusto e desconcertante, que gera uma enorme insatisfação, inconformação e revolta, mas que é, no entanto, passível de ser alterado (apesar de ser dito o contrário), na medida em que é ainda possível simplesmente sonhar com um mundo diferente, urge então intuir outros destinos para o mundo e reflectir sobre o papel da arquitectura na sociedade contemporânea enquanto instrumento de mudança.

Pretende-se, portanto, compreender a construção de utopias arquitectónicas e a elaboração de diferentes visões de cidade e sociedade ao longo da história, especialmente durante o século XX, e ainda, traçar um esboço de um futuro possível. Pretende-se também aferir a validade dos factos urbanos permanentes ao longo da história, e, por conseguinte, tornados arquétipos do espaço urbano e da convivialidade nas cidades.

O texto organiza-se em três partes distintas. Numa primeira parte, Presente Estado de Coisas, propomo-nos traçar um retrato da relação entre arquitectura e sociedade, delineando a natureza antropológica da arquitectura inerente à sociedade tradicional, pré-industrial, que, com a Revolução Industrial, se extinguiu, uma vez que a sociedade industrial, moderna, pela sua dimensão e pela multiplicidade de meios relacionais, não possui uma identidade colectiva comum, passível de ser representada de modo sensível, ou seja, já nenhum meio artístico e visual é capaz de representar e identificar a essência da nossa sociedade. Traça-se também um retrato da realidade urbana, herança da industrialização e da modernidade. Seguidamente, apresenta-se uma reflexão sobre o

tempo e o espaço contemporâneos, fruto do advento do capitalismo e da modernidade, que instigam a um constante acelerar do tempo, criando uma noção temporal vertiginosa e ininteligível. A época contemporânea assume uma posição terminal ou de um apogeu glorioso do progresso humano no desenrolar do tempo histórico, o que conduz a uma ausência de futuro, em que apenas o presente é premente.

Numa segunda parte, Esboços para um Futuro Possível, debatem-se as razões que conduziram à desvalorização e ao menosprezo das utopias e do pensamento utópico, passando por uma breve síntese das utopias arquitectónicas ao longo do século XX, para, seguidamente, esboçar uma visão de um futuro possível alternativo, recorrendo novamente a ideais utópicos, os quais, apesar de tudo, encontram novamente validade e premência.

Na terceira parte, Incursões no Passado, tentar-se-á compreender a perenidade dos factos urbanos que caracterizam uma condição imutável e intemporal do ser humano, na medida em que durante milénios o Homem, foi habitando o mundo e moldando a paisagem, fundindo-se com ela, integrando-a. E, actualmente, apesar das revoluções abrasivas das últimas centúrias, a Humanidade vê-se perante os mesmos problemas imemoriais de sobrevivência, abrigo e convivência.

A busca de uma utopia de futuro debruça-se naquilo que o Homem sempre foi, e sempre será, apesar das roupagens de modernidade, trajes de um novo ser, desenraizado do passado, e destituído de futuro, apenas vivendo a compulsão do presente. A realidade humana é imutável, na medida em que as grandes questões da vida permanecem, e são ainda um verdadeiro desafio. Desde o primeiro ser humano que se deparou com a morte e a tentou compreender, olhando em seu redor à procura de uma explicação e, geração após geração, com explicações mais ou menos elaboradas do mundo, a morte nunca deixou de ser devastadora, e a fragilidade da vida, apesar de todas as descobertas científicas e tecnológicas, continua a assolar tão fortemente hoje como há milhares de anos, quando a humanidade vivia rodeada de mitos e superstições. Assim, uma ideia de futuro encontra-se profundamente enraizada no passado.

Por último, passar-se-á à descrição do projecto, um centro comunitário, inserido num plano urbano que se centra num vazio criado pela desactivação das actividades industriais em Alcântara. O plano pretende completar a malha urbana existente moldando-se às ruas e largos que compõem o lugar. Um grande espaço aberto é transformado numa ampla praça, delimitada por uma arcada, que unifica o espaço e define os seus limites. A praça é então rodeada por um conjunto de edifícios com um programa funcional variado. Complexo desportivo, habitação e comércio, ateliers partilhados, e, no topo da praça o centro

comunitário, o foco do projecto. A razão de ser de um centro comunitário reside em valores utópicos, que entrevêem uma sociedade justa, livre e culturalmente rica. Assim, o centro comunitário assume um papel preponderante no estabelecimento de laços sociais e na transmissão de cultura e valores. É um espaço de encontro, de saber, de lazer e de troca. É, portanto um espaço heterotópico, na medida em que nele têm lugar práticas sociais alternativas e que, portanto, esboçam outras realidades possíveis.

PRESENTE ESTADO DE COISAS

“More is more.”

Rem Koolhaas³

“More and more of worse and worse.”

Patrick Geddes⁴

ARQUITECTURA E SOCIEDADE

Uma pequena cabana, somente, encavalitada numa íngreme encosta e rodeada de velhos e altos pinheiros humaniza a paisagem ao seu redor e das suas tábuas e telhas emana um sentido secreto. Ou mesmo de uma aldeia caiada, que surge na planície argilosa e rubra, cercada de sobreiros secos e de ciprestes, emana um testemunho intemporal da presença humana.

E atravessar uma rua, apressadamente, numa passadeira ao som de um piar estridente, antes que o semáforo mude de cor e deixe passar os carros fumegantes e impacientes para voltarem a pôr-se em marcha? Ou entrar para comer, sem grande apetite, num restaurante asséptico de *fast-food*? Ou, ainda, passar numa rua, ladeada de altos muros intransponíveis, que acolhem em si vidas invejáveis e ocultas que, no entanto, encherão, certamente, páginas de revistas, com sessões fotográficas que atestam a felicidade dos retratados, languidamente espriados, junto a luxuosas piscinas?

Que sentido foi possível entrever, então, nestes movimentos e gestos quotidianos, durante os quais, certamente, o olhar se demorou em paisagens muito mais humanizadas? Que significado profundo se encerra em subúrbios distantes, centros comerciais megalómanos, edifícios de escritórios dia e noite iluminados por lâmpadas de halogénio, ou em centros históricos esvaziados, apenas mantidos em prol de um turismo de massas, em busca de uma autenticidade local de um tempo e vida passados?⁵ Que se consegue encontrar nesta miríade de espaços construídos, para além de uma satisfação imediata de funcionalidade?

Onde está a arquitectura? Somente em obras selectas, idealizadas por ilustres arquitectos e repetidamente publicadas e reproduzidas? E tudo o resto que foi sendo construído, atulhando caoticamente a paisagem, em prol das necessidades de modernização – auto-

3 Rem Koolhaas, Junkspace, in *Content*, p.163

4 Cit. por Peter Hall, *Cities of Tomorrow*, p.161

5 Veja-se a triste actualidade das críticas de Jane Jacobs, feitas em 1961. Cf. Jane Jacobs: “But look what we have built [...]: low-income projects that become worse centres of delinquency, vandalism, and general social hopelessness than the slums they were supposed to replace; middle income housing projects which are truly marvels of dullness and regimentation, sealed against any buoyancy or vitality of city life; luxury housing projects that mitigate their inanity, or try to, with a vapid vulgarity; cultural centres that are unable to support a good bookstore; civic centres that are avoided by everyone but bums, who have fewer choices that are lacklustre imitations of standardized suburban chain-store shopping; promenades that go from no place to nowhere and have no promenaders; expressways that eviscerate great cities. This is the rebuilding of cities. This is the sacking of cities.” *The life and death of great American cities*, p. 14

estradas, viadutos, pontes, e todos os edifícios que compõem cidades-dormitório ou se infiltram nos tecidos urbanos consolidados? Perante este caos frenético, que contamina todo o espaço, seja urbano, rural, e até mesmo virtual, *a realidade parece ter escapado à arquitectura, e a arquitectura, desertado a realidade*⁶. Falamos de arquitectura ou *mass media*?

A arquitectura, *segundo a concepção tradicional, é uma estrutura estável, dá forma a valores permanentes, consolida uma morfologia urbana*⁷, no entanto, esta concepção tradicional apenas faz sentido se pensarmos nas sociedades arcaicas e tradicionais, nas quais, a arquitectura precede a arte e, portanto, torna-se a “*mãe de todas as artes*” e a “*serva de todos os senhores*”, *humanos e divinos*. A arquitectura tradicional não tinha consciência de si própria enquanto disciplina ou arte, *não era ainda mais que a forma materializada da sociedade, a representação sensível não reflectida das representações de si ideais e ideológicas que se dera nos seus reis, nos seus príncipes e nos seus deuses*.⁸ Existia, então, uma coincidência quase exacta entre a arquitectura e o espaço social, da qual emanavam o significado uno do mundo e a transcendência da natureza, que se difundem, tanto no indivíduo e na comunidade, no espaço arquitecturado e na natureza, no mundo terreno e no mundo celeste.

A arquitectura moderna é produzida numa sociedade urbanizada, urbanidade essa composta, não por cidades, detentoras de identidade simbólica, mas por aglomerações, maiores ou menores, destituídas de identidade, algumas criadas em torno de núcleos antigos, não representando, no entanto, o seu desenvolvimento, pelo contrário, contribuindo geralmente para a asfixia das cidades e aldeias tradicionais que lhes deram origem. A aglomeração moderna afasta-se substancialmente do conceito de *polis*, assistindo-se a uma decomposição da unidade do espaço, física e simbólica, económica e política. Assim, as aglomerações, não são mais que justaposições, montagens, sucessões de procedimentos, decorrentes das tensões económicas, financeiras, políticas e sociais que se materializam no espaço. A sociedade contemporânea *já não se representa idealmente enquanto realidade moral, como totalidade animada de um sentido subjectivo, portadora de uma identidade colectiva comum, movida pela vontade de afirmar de maneira única a sua presença e a sua perenidade num mundo que, acolhendo-a embora, a supera ao mesmo tempo por todos os lados, e lhe dá, portanto, lugar e sentido objectivos*.⁹

6 Michel Freitag, *Arquitectura e Sociedade*, p. 12

7 *Idem*.

8 Michel Freitag, *op. cit.*, p. 13

9 Michel Freitag, *op. cit.*, p.71

Portanto, a arquitectura moderna, produto desta sociedade “irrepresentável”, perde a dimensão transcendental e memorial, característica da arquitectura tradicional, anterior ao século XIX, durante o qual se assiste à Revolução Industrial e ao nascimento do capitalismo, o que marca uma verdadeira charneira não apenas entre um estilo arquitectónico e outro, mas, fundamentalmente, entre um modo de existência da arquitectura e um outro, que representa uma mudança de fundo global da sociedade tradicional. Na arquitectura que se começou a definir durante o século XIX estava já patente a incapacidade de atribuir um estilo arquitectónico apto a representar uma sociedade industrializada e capitalista, surgindo um sem-fim de ecletismos e revivalismos¹⁰. A arquitectura moderna, liberta-se então da necessidade de representação de uma identidade colectiva, libertando-se consequentemente de qualquer referência estilística anterior.

Assim, a arquitectura moderna, destituída do seu papel social e cultural e prisioneira do capitalismo, e a par da ruptura que abalou todas as estruturas da sociedade, assume-se também em ruptura com o passado, sem qualquer continuidade histórica. Esta ruptura correspondeu a uma visão “moderna” da cultura¹¹, a qual se traduz no desenho urbano, e na ideologia anti-histórica proclamada por Le Corbusier, entre outros. Mas, depois de tentativas de criar um homem novo, intentando lidar com a desarticulação social, fruto de uma lógica económica aplicada sobre a organização das cidades tradicionais, não mais que *tecidos urbanos recortáveis, retraçáveis e remendáveis à vontade*¹², através de um urbanismo integral e totalitário produto de uma visão ora do utopista ora do técnico, alcança-se, de facto, uma nova realidade, sombra frustrada das visões utópicas ou tecnocráticas que a produziram, planificação que resultou em caos desregrado, descontínuo, na destruição dos valores essenciais das cidades tradicionais, da vivência fruída da cidade, resultante de uma separação dos componentes inerentes da vida.

Então é a *própria natureza da arquitectura, a sua identidade social e histórica, que parece ter-se tornado problemática*.¹³ No entanto, os problemas técnicos e estéticos, e até mesmo éticos e políticos da arquitectura apresentam-se somente como aspectos particulares de um problema muito mais global e radical, *que é o problema existencial de uma civilização em que a vida colectiva, do mesmo modo que a individual, se tornou comumente irrepresentável em termos sensíveis – ainda que através de alegorias - porque já deixou de*

10 “Muito raramente temos presente que ecletismo e pluralismo representavam, para os arquitectos do século XIX, a resposta exacta aos múltiplos estímulos desagregadores induzidos pelo novo ambiente configurado pelo ‘universo da precisão da realidade tecnológica’.” Manfredo Tafuri, *Projecto e Utopia*, p.35

11 José Ressano Garcia Lamas, *Morfologia urbana e desenho da cidade*, p. 308

12 Michel Freitag, *op. cit.*, p. 44

13 Michel Freitag, *op. cit.*, p.11

*se representar a si própria sob o modo de um ser ideal, de uma entidade moral ou espiritual cuja afirmação ideal transcende todas as modalidades de funcionamento e de operação puramente empíricas.*¹⁴

ESCOMBROS DA MODERNIDADE

O mundo actual vive sobre a herança da modernidade, que mudou radicalmente a face da terra, e cujo fim tem sido anunciado desde o último quartel do século XX. *Estes últimos anos têm sido marcados por um milenarismo invertido, no qual premonições do futuro, catastróficas ou redentoras, foram substituídas pelo sentido de fim disto ou daquilo (o fim da ideologia, da arte, ou de classe social; a “crise” do Leninismo, da democracia social ou do Estado Providência, etc. etc.); juntos, todos estes constituem possivelmente o que tem vindo crescentemente a ser chamado pós-modernismo.*¹⁵ Depois de um fôlego revolucionário inicial, renovador, e com o desejo de construir um novo mundo, partilhando de uma fé cega na tecnologia e no progresso,¹⁶ o Movimento Moderno institucionalizou-se e canonizou-se, transformando-se a partir da segunda metade do século XX, num empecilho autoritário, presente intrinsecamente nas mentes dos responsáveis pelo planeamento urbano, *clássicos defuntos, que “pesam como um pesadelo nos cérebros dos vivos”, como Marx havia dito num contexto diferente.*¹⁷ O planeamento urbano advogado pelo Movimento Moderno correspondia a um paradigma racionalista, construído sobre ideias abstractas, opondo-se a um paradigma empirista, que procura trabalhar a partir da experiência cujos precedentes resultaram positivamente. *Infelizmente estas ideias foram testadas em cobaias humanas; e aí se encontra uma lição terrível para as gerações futuras de urbanistas.*¹⁸

No entanto, o pós-modernismo afirma-se somente como oposição estética e formal ao modernismo, *o pós-modernismo na arquitectura irá, então, logicamente apresentar-se como um tipo de populismo estético.*¹⁹ As mudanças de fundo necessárias ficaram-se somente pelos valores superficiais da arquitectura e do urbanismo, ambos apresentando-se cobertos por uma parafernália de referências históricas amalgamadas, recuperando-se alguns elementos da história da arquitectura, para depois, os aplicar sobre os edifícios como um manto folclórico. No entanto a sociedade que se eleva dos escombros da modernidade, e

14 Michel Freitag, *op. cit.*, p.71

15 Frederic Jameson, *The cultural logic of late capitalism*, p. 238 Traduzido pelo autor

16 “By drastically simplifying the visual world, the Modern movement somehow echoed the simplification that the Industrial Revolution and the emerging bourgeoisie were forcing on the national states. A blind faith, really a mythical faith, in the machine and in «progress» replaced the richness of traditional societies without providing a viable alternative.” Eduardo Lozano, *Community Design and the Culture of Cities*, p.283

17 Frederic Jameson, *op. cit.* Traduzido pelo autor.

18 Peter Hall, *Cities of Tomorrow*, p.261 Traduzido pelo autor

19 Frederic Jameson, *op. cit.* Traduzido pelo autor

geralmente denominada de pós-industrial, ou sociedade de consumo, de informação, ou electrónica, não difere no seu âmago da sociedade precursora, aquela que viu o Movimento Moderno erguer-se, e parece simplesmente prolongar e exacerbar as tendências desencadeadas anteriormente. Assim a sociedade actual, onde, pela primeira vez na história, metade da humanidade vive em aglomerações urbanas, é essencialmente anti-urbana. Este tipo de aglomeração implica o esvaziamento dos centros das cidades, originando uma crescente suburbanização, fenómeno potenciado pela disseminação do automóvel o que contribui para a eliminação dos tradicionais laços sociais que compunham as comunidades urbanas. *A comunicação instantânea eliminou a necessidade das pessoas irem para o exterior – elas podem ver tudo, desde filmes a desportos, na televisão e podem comprar, aceder à conta bancária e trabalhar a partir do computador. Não resta nenhuma comunidade – nenhuma excitação ou expectativa, nenhuma escolha ou possibilidade – existe somente uma caixa que traz o mundo para a sala de estar; as fronteiras da realidade tornam-se difusas. Muito do contacto humano – que costumava acontecer em ruas, praças e parques – tornou-se pré-embalado; o romance foi substituído por bares para solteiros ou serviços de encontros computacionais, como outra tarefa funcional a cumprir. Conferências de imprensa na televisão alimentam quaisquer necessidades políticas que existam, substituindo o debate aceso que foi sempre a base para uma verdadeira comunidade democrática.*²⁰

O espaço legado pelo Movimento Moderno, não é mais que espaço residual de uma modernização posta em prática ao longo dos últimos dois séculos, espaço descartável produzido por e para uma sociedade de consumo – *Junkspace*. *O produto construído da modernização não é arquitectura moderna mas Junkspace. Junkspace é aquilo que sobra depois da modernização ter percorrido o seu curso ou, mais precisamente, o que coagula enquanto a modernização está a decorrer, os seus resíduos. A modernização possuía um programa racional: partilhar universalmente as bençãos da ciência. Junkspace é a sua apoteose, ou dissolução... Apesar de as suas partes individuais serem o resultado de invenções brilhantes, lucidamente planeadas pela inteligência humana, propulsionadas por computação infinita, a sua soma significa o fim do Iluminismo, a sua ressurreição como farsa, um purgatório de má qualidade.*²¹

E esta sociedade de consumo baseia-se num individualismo, dificilmente triunfante,²² que se

20 Eduardo Lozano, *Community Design and the Culture of Cities*, p.8 Traduzido pelo autor

21 Rem Koolhaas, “Junk-space”, *Content* Traduzido pelo autor

22 “The modern master image of the individual, detached body has hardly ended in triumph. It has ended in passivity.” Richard Sennett, *Flesh and Stones*, p.374

associa a um materialismo desconcertante. *Aqueles indivíduos, como Tocqueville observa, sentem-se “estranhos para com os destinos de cada um deles” - juntamente com outros observadores do individualismo, Tocqueville viu a sua profunda ligação com o materialismo, um “materialismo virtuoso”, escreveu ele, “que não corromperia, mas enervaria a alma, e silenciosamente espraia os seus tentáculos de acção. Ao retirar-se da vida em comum, esse indivíduo perderia a vida.*²³ Apesar de, ao longo do século XX, ideologias nacionalistas e revolucionárias terem aclamado a existência de um destino comum que unia os indivíduos, este sentido de que as fortunas individuais estão entrelaçadas, presente nas cidades de outrora,²⁴ extinguiu-se. E assim, nas cidades onde anteriormente, uma massa de corpos convivia apertadamente, a multidão hoje dispersou. Actualmente os indivíduos apenas se reúnem deambulando em centros comerciais para satisfazer as necessidades de consumo, em vez de se reunirem com propósitos mais complexos de participação na comunidade ou de poder político. Na multidão moderna a presença física de outros seres humanos é sentida como algo ameaçador.²⁵

A sociedade contemporânea, depois de séculos de convulsões políticas, lutas virulentas pelos direitos humanos, guerras arrasadoras, cinge-se ao consumo e à manutenção do conforto, espírito de uma época epitomado no centro comercial, espaço que encerra em si o valor, pelo menos do empenho de gerações de trabalhadores, que outrora era dedicado às catedrais góticas, símbolo uno da vontade e identidade colectivas. A humanidade vive, portanto, num registo de uma passividade patética, alimentada por uma máquina de entretenimento e de incitação ao consumo – *O teatro escolhido da megalomania – ditatorial – já não é a política, mas o entretenimento. [...] O entretenimento é como assistir ao arrefecer de um planeta anteriormente quente; as suas maiores invenções são antigas: a imagem em movimento, a montanha russa, o som, desenhos animados, palhaços, monociclos, dinossauros, notícias, guerra. E sob esta passividade confortável jaz latentemente um paradoxo, potencialmente letal – metade da humanidade polui para produzir, a outra metade polui para consumir.*²⁶ – a humanidade vive alegremente consumindo e desperdiçando, desligada da natureza, anestesiada, alheada do seu futuro, e portanto lentamente (para muitos vertiginosamente) vai-se aproximando do seu fim, ou, pelo menos, para os menos fatalistas, da vida como ela até agora tem sido.

23 Richard Sennett, *op. cit.* p.369

24 “From Perikles' Athens to David's Paris, the word “civic” has implied an intertwined fate, a crossing of fortunes. It was inconceivable to a Periklean Greek that his or her fortune could be separated from the fortunes of the city, or to a pagan Roman of Hadrian's time. Though early Christians believed their fate lay within themselves, their inner life was eventually reconnected to worldly fortunes they shared with others.” Ibid.

25 Richard Sennett, *The Conscience of the Eye*, p.21

26 Idem

A arquitectura contemporânea não é mais do que um produto de uma cultura mediatizada, onde o sistema publicitário *apodera-se da rua, invade o espaço colectivo – desfigurando-o –, apropria-se de tudo o que tem vocação pública, das estradas, das cidades, dos meios de transporte, das gares, dos estádios, das praias e das festas.*²⁷ A arquitectura e a sociedade foram, portanto, reduzidas a meros momentos de uma cadeia produtiva.²⁸

27 Cit. por Serge Latouche, *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*, p. 31

28 Manfredo Tafuri, *Projecto e Utopia*, p. 36

A primeira grande descoberta foi o tempo, a paisagem da experiência. Só assinalando a passagem de meses, semanas e anos, dias e horas, minutos e segundos, a humanidade se libertaria da monotonia cíclica da Natureza. O fluir de sombras, areia e água, e do próprio tempo, traduzido no staccato do relógio, tornou-se uma medida útil dos movimentos do homem ao longo do planeta. As descobertas do tempo e do espaço tornar-se-iam uma dimensão contínua.

Daniel J. Boorstin²⁹

In short, spaces have multiplied, been broken up and have diversified. There are spaces today of every kind and every size, for every use and every function. To live is to pass from one space to one another, while doing your very best not to bump yourself.

Georges Perec³⁰

TEMPO E ESPAÇO

Hoje o tempo voa velozmente, num constante aumento de velocidade e a percepção do mundo que nos rodeia é perturbada. Seja através dos bombardeamentos diários dos meios de comunicação, cada vez mais imediatos e amplamente disseminados, que inundam incessantemente os nossos sentidos com quantidades vastíssimas de informação constantemente renovada e apelativa, o que impossibilita a sua apreensão e compreensão; seja pela velocidade a que nos deslocamos, reduzindo as distâncias entre dois lugares no mundo a mais ou menos breves fracções de tempo³¹, e deformando a nossa noção do espaço, este resumido a borrões pardacentos que navegam ao longo das auto-estradas e a placas com os nomes das localidades ao lado de setas, semeadas na paisagem numa tentativa de situar os lugares numa cadeia de ligações somente apreensíveis em abstracções do espaço.

O inexorável passar do tempo impede que paremos e observemos, e *neste mundo, só paramos quando nos aborrecemos, só paramos para nos aborrecermos*. A vida é comandada pelo imediato, pela satisfação instantânea, *paramos para olhar para a televisão: nova figura fluida do mundo, espaço onde nada permanece fixo, desentediamento do tédio*³². Vive-se na imediatez do momento, apenas o presente e a satisfação imediata de

29 *Os Descobridores: Do domínio do tempo à conquista dos mares*, p.15

30 Georges Perec, *Species of Spaces and Other Pieces*, p.6

31 "Space has thus become a means to the end of pure motion – we now measure urban spaces in terms of how easy it is to drive through them, to get out of them [...] the actions to drive a car, the slight touch on the gas pedal and the break, the flicking of the eyes to and from the rearview mirror, are micro-motions compared to the arduous physical movements involved in driving a horse-drawn coach. Navigating the geography of modern society requires very little physical effort, hence engagement. [...] The traveler, like the television viewer, experiences the world in narcotic terms; the body moves passively, desensitized in space, to destinations set in a fragmented and discontinuous urban geogarchy." Richard Sennett, *Flesh and Stones*, p.17

32 Michel Freitag, *op. cit.*, p. 10

necessidades, cada vez mais fúteis, importam.

O tempo foi uma descoberta do Homem. Anteriormente, no alvorecer da história, o tempo era elástico, dilatava-se segundo a variação das estações do ano, aumentando ou diminuindo o dia e a noite. A humanidade vivia então à mercê da Natureza e dos astros, segundo os seus ciclos. Mas à medida que a humanidade se foi organizando em sociedades cada vez mais complexas, urgia organizar também o tempo que marcava a cadência da vida em comunidade e declarar a independência do Homem face ao seu meio natural. Assim, foram sendo desenvolvidos métodos de medição do tempo, independentes dos elementos da Natureza (com um relógio solar, a noite esvaziava-se do tempo, ficando apenas a escuridão até ao nascer do sol, renascendo com ele a possibilidade de medir o tempo). Até que o relógio mecânico é inventado, e geração após geração, aperfeiçoado.

Então é possível pela primeira vez na história fragmentar o tempo em parcelas iguais, dia e noite. O tempo passou a ser dominado pelo Homem e, com uma cadência exacta e igual, tornou-se no principal marcador da vida moderna. *Na Europa, o relógio tornou-se muito depressa uma máquina pública. As igrejas esperavam que os comungantes se reunissem regular e repetidamente para rezarem, e as cidades florescentes reuniram as pessoas para compartilharem uma vida de comércio e entretenimento.*³³ Porém, esta divisão do tempo em parcelas iguais agrihoou o corpo humano a uma disciplina cadenciada, que viria a ser utilizada economicamente, na medida em que o pagamento do salário de um trabalhador ficou dependente de cada hora de trabalho.³⁴ Assim, o tempo marcado pelo relógio tornou-se num instrumento de poder, *um instrumento de dominação económica, social e política empunhado pelos mercadores que governavam a comuna.*³⁵ Ao tempo fragmentado pelo bater constante dos ponteiros do relógio uniu-se ainda a grelha espacial, a qual divide o espaço segundo uma retícula abstracta. *Esta relação espaço/tempo não é de todo a conjugação beneficente que Siegfried Giedion imaginava. Em vez de descobertas surpreendentes, o relógio pareceu oferecer aos seus utilizadores somente monotonia.*³⁶

Na primeira década do século XX as ciências foram profundamente abaladas por uma mudança interna, talvez a mudança mais revolucionária no seio das ciências desde Aristóteles ou Pitágoras – a noção do tempo.³⁷ *Anteriormente o tempo havia sido considerado de um de dois modos: ora realisticamente, como algo que decorre e existe sem um observador, independente da existência de outros objectos e não tendo*

33 Daniel J Boorstin, *Os Descobridores: Do domínio do tempo à conquista dos mares* p.79

34 Richard Sennett, *The Conscience of the Eye*, p.178

35 Jacque Le Goff, cit. por Richard Sennett, p.178 Traduzido pelo Autor

36 Richard Sennett, *op. cit.* p. 180 Traduzido pelo Autor

37 Siegfried Giedion, *Space, Time, Architecture*, p.364 Traduzido pelo Autor

necessariamente uma relação com outros fenómenos; ora subjectivamente, como algo não tendo qualquer existência para além de um observador e presente apenas na experiência sensorial. ³⁸ Tempo e espaço tornaram-se, portanto, indissociáveis, *somente o espaço ou somente o tempo estão condenados a desvanecer numa mera sombra; apenas uma união de ambos preservará a sua existência.*³⁹

No entanto, enquanto o século XIX viveu apavorado com a história, com os seus temas de desenvolvimento e estagnação, crises e ciclos, acumulação do passado, a nossa era, pelo contrário, é a era do espaço.⁴⁰ *Nós estamos na era do simultâneo, da justaposição, o perto e o longe, o lado-a-lado e o disperso. Um período no qual o mundo está a testar-se a si mesmo, não tanto como um grande estilo de vida destinado a crescer no tempo, mas como uma rede que liga pontos e cria a sua própria desordem.*⁴¹ Portanto o espaço assume somente um carácter de ordenamento da rede entrelaçada de uma infinidade de elementos, substituindo o carácter de extensão, inaugurado pela afirmação de um espaço infinitamente aberto, revelado pelas descobertas de Galileu, que, por sua vez, dissolveu a noção de espaço enquanto localização, expresso na Idade Média numa hierarquia espacial entre espaços sagrados e profanos, protegidos e indefesos, urbanos e rurais.⁴² Assim, procede-se a uma dessacralização do espaço, como havia acontecido com o tempo no século XIX, dessacralização essa, efectuada predominantemente ao nível teórico, mas que, na prática, não foi ainda realizada, mantendo-se portanto uma sacralidade velada,⁴³ uma vez que determinadas oposições são ainda tomadas como garantidas; o contraste entre espaço público e privado, espaço social e familiar, espaço cultural e utilitário, espaço de lazer e trabalho são dicotomias presentes instintivamente, e que não foram ainda corroídas.⁴⁴

Uma ansiedade em relação ao tempo se elevou desde o século XIX, prolongando-se até aos nossos dias. Uma ansiedade que nasce da destruição das sociedades tradicionais, e na transformação destas em sociedades industrializadas, tecnológicas, desligadas da natureza, e que, portanto, não conseguem definir o seu lugar na história. Esta ansiedade traduz-se numa tentativa de destruir a história, eliminar os vestígios sedimentados através dos tempos, de criar um novo mundo sobre uma *tabula rasa* e de afirmar peremptoriamente uma nova realidade. *No urbanismo, o resultado desta ansiedade para com o passado e o presente, como é representado nas primeiras obras de Le Corbusier, é destruir as*

38 *Ibidl.*, p.364 Traduzido pelo Autor

39 Hermann Minkowski, cit. Por Siegfried Giedion, p.364 Traduzido pelo Autor

40 Michel Foulcault, *Of other spaces: utopias and heterotopias*, p.350 Traduzido pelo Autor

41 *Idem* Traduzido pelo Autor

42 *Idem.*

43 *Idem.*

44 *Idem.*

*diferenças que foram acumuladas no espaço em prol da afirmação desta diferença no tempo.*⁴⁵

Esta abordagem anti-histórica além de aniquilar o passado, anula também a possibilidade de futuro. Vivemos numa tirania do presente, do curto prazo, do consumo, da nossa geração, da proximidade, da próxima legislatura. *Praticamos um imperialismo que já não é espacial mas temporal, do tempo presente, que coloniza tudo.*⁴⁶ O futuro é apenas uma miragem distante, com a qual não nos relacionamos. Sabemos que um dia chegará, um novo presente, cujo fardo herdado por presentes passados poderia ser aliviado se o futuro tivesse feito parte das tomadas de decisão. *Não se trata de predizer o futuro, algo cada vez mais difícil, se é que alguma vez essa pretensão fez sentido; o que nos é exigido é convertê-lo numa categoria reflexiva, com toda a sua carga de incerteza e contingência, nos nossos horizontes de pensamento e acção. O futuro tem de ser gerido mediante processos que representem uma grande inovação institucional.*⁴⁷

No entanto, chegou-se a apregoar, que a humanidade alcançara o fim da história⁴⁸, que culminara no último patamar do progresso, pois as suas mais profundas e fundamentais aspirações estariam satisfeitas. A democracia liberal e o mercado livre eram os objectivos para os quais a humanidade caminhava, segundo uma visão da história iniciada por Hegel e posteriormente continuada por Marx, que entrevia um desenvolvimento coerente das sociedades humanas desde estádios “primitivos” até à moderna democracia liberal e ao capitalismo dirigido tecnologicamente⁴⁹. Assim, originou-se a grande falácia da nossa era, a de que as mudanças que assolaram o mundo duas décadas atrás (a queda do muro de Berlim, e portanto do Comunismo), assinalariam uma nova ordem mundial, assente no triunfo das ideias e no desenrolar natural do progresso humano⁵⁰. Como era possível crer que no final de um século em que se produziram os maiores horrores – guerras “totais”, genocídios, armamento nuclear – a humanidade estaria, de repente, perante uma nova ordem?⁵¹ Como seria possível simplesmente recuperar de quase dois séculos em que a humanidade conheceu as maiores e mais rápidas mudanças – revoluções industriais e tecnológicas, urbanização crescente, explosão demográfica – que alteraram radicalmente todos os campos da vida humana?

45 Richard Sennett, *op. cit.* p.173 Traduzido pelo Autor

46 Daniel Innerarity; “Recuperar el porvenir”; *El País*; 17 de Maio de 2009 Traduzido pelo Autor

47 Ibid.

48 Francis Fukushima, *O Fim da História e o Último Homem*, p.13

49 *Idem*, p.14

50 Robert Kagan, *The Return of History and the End of Dreams*, p. 103

51 *Idem*, p.103

CAPITALISMO TRIUNFANTE

De facto, o mundo na sua plenitude sofreu alterações drásticas e tremendas nestes dois últimos séculos, desencadeadas pelo advento do capitalismo. *O espaço para o capitalismo industrial é, antes de mais, um obstáculo à fluência ideal dos factores de produção – um obstáculo que se trata de vencer; é, em seguida, no processo de produção, um bem capital, cujo rendimento é necessário maximizar; é, enfim, o lugar de proximidade da oferta e da procura, que convém tornar tanto quanto possível transparente e imaterial.*⁵² Ora, esta aproximação ao espaço e à cidade, contraria a essência da arquitectura e do urbanismo enquanto disciplinas. O espaço, e portanto a cidade, tornam-se para o capitalismo, produtos e simultaneamente suporte da cadeia de produção.

O capitalismo vive permanentemente sob a impulsão de acelerar o tempo, de acelerar a circulação de capital, e, conseqüentemente de revolucionar os horizontes temporais de desenvolvimento.⁵³ No entanto, e esta é uma das maiores contradições do capitalismo, apenas o pode fazer através de investimentos a longo prazo. *O Capitalismo está sob a impulsão de eliminar todas as barreiras espaciais, de “aniquilar o espaço através do tempo” como afirma Marx, mas apenas assim o pode fazer através da produção de um espaço fixo.*⁵⁴ Assim, o capitalismo produz toda uma paisagem geográfica, num determinado momento histórico, com determinadas relações espaciais e determinada organização territorial, adequada à acumulação dinâmica de capital. Então, o capitalismo actua em três campos complementares. A inovação tecnológica, que tem na redução de custos e tempo dos movimentos sobre o espaço um contínuo foco de inovação. A construção de infra-estruturas fixas para facilitar este movimento que servem de suporte às actividades de produção, distribuição e consumo, o que assume um peso tremendo na paisagem. E a construção de uma organização territorial, primeiramente o Estado com poderes para regular o dinheiro, a lei, a política e monopolizar os meios de coerção e violência de acordo com uma vontade soberana territorial, e, por vezes, extra-territorial (como é o caso da União Europeia). Portanto o capitalismo apoderou-se profundamente de todos os campos da actividade humana, moldando a totalidade da realidade à prossecução do seu projecto ideológico.

O capitalismo com a sua visão do homem e da sociedade, foi entendido como o sistema de organização político-económica que mais prezaria a liberdade individual, a qual

52 Michel Freitag, *op. cit.*, p. 43

53 “The time-horizon set by Wall Street simply cannot accommodate to the temporalities of social and ecological reproduction systems in a responsive way.” David Harvey, *Spaces of Hope*, p.59 Traduzido pelo Autor

54 *Ibid.* p.58

desenvolver-se-ia através da iniciativa empresarial, num mercado livre, onde os mais aptos sobreviveriam e aqueles que não correspondessem ao gosto e às necessidades dos consumidores, abririam falência, num sistema de concorrência perfeita, regulado pela lei da oferta e da procura. Ora, nada poderia estar mais longe da verdade. A lei da procura e da oferta apenas funciona nos livros escritos por ilustres teóricos; a publicidade e a criação de necessidades artificiais são, de facto, o principal motor do consumo, o que é comprovado pelas somas exorbitantes despendidas anualmente na máquina publicitária. A concorrência é totalmente minada, uma vez que, grandes grupos económicos e multi-nacionais dominam o mercado, esmagando qualquer concorrente mais pequeno, que pela mera diferença de escala se torna mais fraco. O sistema capitalista necessita de crises cíclicas para se renovar, como uma floresta que necessita de um incêndio para as suas sementes rebentarem.⁵⁵

O capitalismo subjugou tudo e todos à categoria de mercadoria; o espaço, o tempo, a natureza, o homem são meros elementos consumíveis, com os quais se pode gerar riqueza. A obtenção de lucro e a acumulação de capital são as linhas mestras de uma visão do mundo e, portanto, qualquer actividade humana tem de ser rentável. *A burguesia retirou a auréola de todas as ocupações até então honradas e respeitadas com uma admiração reverente. Converteu o médico, o advogado, o padre, o poeta, o homem da ciência, nos seus operários assalariados.*⁵⁶ Para além desta subjugação universal, um dos pilares do capitalismo é a desigualdade, que perpetua num lugar cimeiro uma elite, à custa de vastas franjas da população mundial reduzidas à miséria, a uma existência desprovida de dignidade, somente alentada pelo desejo irrealizável de um dia atingir o cume da riqueza. Assim, um sem fim de constrangimentos negativos e abrasivos encontram-se na base de um sistema auspicioso e bem-intencionado. *O acelerar do desenvolvimento geográfico desigual, o minar de todas as formas de coesão social e poderes estatais, a destruição de culturas inteiras e daquelas “estruturas de sentimento” que possibilitam uma base sólida para a vida quotidiana, e, possivelmente o mais problemático, a degradação de largas faixas do meio ambiente. [...] Então, porquê resultados tão trágicos de um supostamente benévolo processo?*⁵⁷

55 "The [Communist] *Manifesto* also warns us of the inevitability of the crises that periodically shake society to its very foundations, crises of creative destruction that are characterized by the 'absurdity' of overproduction in the midst of innumerable pressing but unfulfilled social needs, of famine in the midst of abundance, of spiraling inequalities, and of periodic destruction of the previously created productive forces with which the bourgeoisie sought to create a world in its own image. We learn of the massive technological changes that completely transform the surface of the earth and our relation to nature." David Harvey, *Spaces of Hope*, p.22

56 Marx e Engels, cit. por David Harvey, *Spaces of Hope*, p.22 Traduzido pelo Autor

57 David Harvey, *op. cit.*, p.177 Traduzido pelo Autor

O capitalismo tem sido uma força hegemónica na produção de um indivíduo capitalista, relativamente homogéneo, eliminando uma longa história da ocupação humana da superfície da Terra, cuja evolução de distintas formas sociais (línguas, instituições políticas e crenças religiosas) imbuídas profundamente em lugares com qualidades singulares produziu um extraordinário mosaico geográfico de ambientes socio-ecológicos e modos de vida.⁵⁸ Assim, todos os seres e as múltiplas diferenças culturais são reduzidas a simples desigualdades geográficas, necessárias à manutenção do presente estado de coisas. E o ser humano, aprisionado às lógicas de mercado, vive para trabalhar horas intermináveis, para auferir um salário, que lhe permita comprar aquilo que, não raras vezes, foi produzido por si. Um trabalhador reduz-se a *um biodigestor que metaboliza o salário com as mercadorias e as mercadorias com o salário, indo e vindo da fábrica para o hipermercado e do hipermercado para a fábrica.*⁵⁹ Ironicamente, na actualidade, o homem trabalha mais arduamente do que em qualquer era da história, apesar do aumento exponencial da produtividade propiciado pelo desenvolvimento tecnológico. Em vez de poder usufruir de mais tempo para o lazer, contemplação e criatividade, o homem actual vive sob a urgência do tempo, esfalfando-se para manter um estilo de vida condigno.⁶⁰ E mesmo o lazer que ainda lhe é permitido encontra-se totalmente dominado por uma lógica de consumo, em que todas as actividades lúdicas são apresentadas em pacotes de diversão, aventura, charme, mediante o pagamento de determinada quantia.

O sistema capitalista revela *uma megalomania individualista, uma recusa da moral, um gosto pelo conforto, um egoísmo*⁶¹ que coincidem com uma teleologia de um triunfalismo de classe, face da mesma moeda, de uma aparentemente incoerente e incontrolável fragmentação de classe e outras formas de luta social presentes em todos os recantos do mundo.⁶² *Margaret Thatcher proclamou que não existe sociedade, apenas indivíduos e as suas famílias, e lançou-se no desmantelar de todas aquelas instituições – dos sindicatos a governos locais – que poderiam fazer frente à sua visão utópica. Com a queda do Muro de Berlim, Fukuyama colocou um verniz Hegeliano sobre tudo isto. Nós estamos agora no fim da história. O capitalismo e o mercado livre triunfam mundialmente.*⁶³

58 *Idem*, p.77

59 Paolo Cacciari, *Pensar la decrescita. Sostenibilità ed equità*, cit. por Serge Latouche, *Pequeno tratado do decrescimento sereno*, p.30

60 “Na realidade, o trabalhador não dispõe de lazer para uma genuína integridade dia a dia, nem a si mesmo pode permitir a manutenção de relações mais humanas com outros homens, pois o seu trabalho seria depreciado no mercado.” Henry David Thoreau, *Walden ou a vida nos bosques*, p.20

61 Cornelius Castoriadis, cit. por Serge Latouche, *op. cit.* p.51

62 David Harvey, *op. cit.* p.55

63 *Idem* p.176

ESBOÇOS DE UM FUTURO POSSÍVEL

Sem a hipótese de ser possível um outro mundo, não há política, apenas gestão administrativa dos homens e das coisas.

Geneviève Decrop⁶⁴

How much closer to utopia can we get? We might say that capitalism is a utopia of self-satisfaction and restlessness. Who, then, needs a better society? Alternative utopias would be out-of-date as soon as they would be written or drawn. Ideals and idealism can only slow us down. Utopias can only get in the way.(...) Have we reached the end of utopia as well as the end of history?

Lebbeus Woods⁶⁵

A CONSTRUÇÃO DE UTOPIAS

Perante uma realidade injusta, imperfeita e, por vezes, repulsiva, a mente humana espalha-se em visões oníricas, tentando farejar caminhos que conduzam a alternativas ou desenhando um quadro completo e detalhado de uma realidade apenas existente no imaginário. É este o caso das utopias, *u-topos*, não-lugar, lugar não existente, lugar imaginário. A *Utopia* de Sir Thomas More, escrita em 1516, é tida como a obra inaugural de um género literário e filosófico que se expandiu até aos nossos dias. No entanto, é imemorial o desejo por outros lugares, que é traduzido, por exemplo, nas visões da Terra Prometida ou do Jardim do Éden na tradição judaico-cristã. Durante o Renascimento surgem outras utopias literárias, de Campanella ou de Bacon, e, imbuídas no espírito humanista que recuperou os ideais da Antiguidade Clássica, são planeadas e construídas cidades ideais, que, através de uma geometria perfeita, seriam o habitat de uma sociedade também ela perfeita, influenciada pelo espaço físico da cidade.

A utopia nasce do sonho de um mundo diferente. O sonho é o âmago da inconformação com um mundo que não pode ser vivido tal como foi herdado⁶⁶; é o combustível que alimenta o motor da mudança, na medida em que, entrevedo um outro mundo possível, novos destinos se revelam e novos caminhos são trilhados. *A utopia alcançou uma grande universalidade ao despertar uma grande compreensão e simpatia em todos. Como a tragédia, lida com os princípios fundamentais do bem e do mal, virtude e vício, justiça e continência [...]. O todo é inundado com dois dos mais ternos sentimentos humanos:*

64 Cit. por Serge Latouche, *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*, p.48

65 *Utopia?*

66“Political action is to [Hannah Arendt] a process of giving birth, of initiatives taken in a world that cannot be lived as it was inherited.” Richard Sennett, *The Conscience of the Eye*, p.134

*piedade e esperança.*⁶⁷

AUSÊNCIA DE ALTERNATIVAS

O mundo dos nossos dias vive na ilusão de ser o melhor possível, ou, rephraseando, o mundo dos nossos dias vive na ilusão, apesar de tudo, mais realista, de ser o menos mau possível. E esta aceitação passiva de uma realidade que apenas é “um mal menor”, uma realidade que apesar das tremendas injustiças que lhe são inerentes, é, no entanto, melhor do que uma realidade passada, caracteriza a atitude geral perante a necessidade de mudança. *“Não há alternativa”, disse Margaret Thatcher no seu apogeu. Até Gorbachev concordava. Os media corporativos incansável e ininterruptamente repetem o refrão. Uma esmagadora configuração ideológica de forças foi criada que não permitirá qualquer oposição.*⁶⁸ Este é o discurso vigente que congela a vontade colectiva de mudança, e condena aqueles que se opõem ao *statu quo* à categoria de lunáticos sonhadores.

Este discurso que exclui à partida qualquer alternativa radica-se na sensação de vivermos efectivamente numa utopia concretizada de auto-satisfação e comodidade, sedimentada no triunfo do capitalismo de mercado-livre e da democracia liberal. A ubiquidade da informação, cujo acesso é instantâneo, onde quer que se esteja, sobre o que quer que for, parece, em si, uma grande realização utópica⁶⁹. A velocidade a que se consegue viajar actualmente, reduziu o planeta, anteriormente vastíssimo e desconhecido, a uma pequena aldeia, na qual todos os lugares deixaram de ser longínquos, demorando-se apenas algumas horas a alcançá-los; seja de avião, comboio ou automóvel a terra é rápida e facilmente palmilhada. Qualquer um pode ter um cartão de crédito, qualquer um pode comprar bens e ser feliz! Pelo menos até atingir o *plafond* do crédito, e ter que hipotecar a casa, e vender as jóias, para não se tornar, de um dia para o outro, um sem-abrigo apenas com a memória agradável da boa sensação que se tem ao comprar um artigo há muito desejado.

O espaço que sobra para incursões utópicas cinge-se ao aperfeiçoamento do próprio capitalismo, nomeadamente a sustentabilidade de um sistema cujo princípio é, logo à nascença, insustentável – o crescimento económico ilimitado num mundo de recursos limitados. *A nossa prioridade não é mais melhorar a sociedade humana, mas salvar o nosso planeta da sociedade humana. As mudanças a serem feitas ao sistema social são mais curativas que sistémicas: reduzir a poluição atmosférica e a pegada de carbono, reciclar,*

67 Colin Rowe e Fred Koetter, *Collage City*, p.124 Traduzido pelo Autor

68 David Harvey, *Spaces of Hope*, p.154

69 “The instant accessibility from anywhere of information about anything seems in itself a utopian achievement. Information has been radically democratized and with it comes a belief that knowledge has, too.” Lebbeus Woods, *Utopia?*

*readaptar, redesign, entre outras.*⁷⁰ As mudanças estandarte de vários movimentos ecologistas não passam, portanto, de meras operações plásticas de um sistema em si insustentável. E as próprias preocupações ecológicas participam da tecnocratização do meio ambiente encetada pelo capitalismo, rejeitando uma *compreensão estética do mundo, que implica o reconhecimento “contemplativo” e o respeito “maravilhado” do valor ontológico que o mundo possui em si próprio e por si próprio, enquanto totalidade singular e insubstituível à qual pertencemos – e que, portanto, não nos pertence.*⁷¹ E assim tudo é passível de ser transformado em lucro! *O movimento ecologista é importante e necessário, mas, se ao capitalismo poderá ser confiado o seu destino, está ainda por saber. A falta de utopias ecológicas num tempo crescentemente obcecado com questões ecológicas poderá dever-se ao sucesso e domínio incontestável do capitalismo.*⁷²

No mundo em que vivemos, apenas aqueles que detêm o verdadeiro poder financeiro são livres de optar entre uma infinidade de bens, que incluem viver em lugares prestigiantes e seguros, enquanto que aos restantes cidadãos é-lhes negada qualquer escolha colectiva de sistema político, de modos de relacionamento social ou de modos de produção, consumo e troca. Se, de facto, parece ser impossível mudar esta amálgama em que vivemos, então é porque simplesmente não existe nenhuma alternativa. *É a extrema racionalidade do mercado contra a absurda irracionalidade de tudo o resto. [...] Nós não temos o direito de escolher em que tipo de cidade viveremos.*⁷³

A esperança foi evacuada das mentes das pessoas, na medida em que, a mera possibilidade de existir um mundo diferente foi negada, e portanto arrasada. *“A possibilidade tem tido má reputação” afirma Ernst Bloch, acrescentando que “existe um muito claro interesse que preveniu o mundo de ser mudado para o possível. Bloch, curiosamente, associou esta condição com o desaparecimento, difamação e depreciação de todo o pensamento utópico. O que, defende Bloch, significou uma perda de esperança e sem esperança é impossível uma política alternativa.*⁷⁴

De facto, a ausência de esperança invalida qualquer incursão em visões utópicas. E se pensarmos que a nossa sociedade é incapaz de produzir espaços que promovam a democracia e a igualdade,⁷⁵ o sentimento de que realmente não há alternativa torna-se ainda mais lancinante. Ficaremos cativos de uma sociedade de consumo, até chegar o dia

70 Lebbeus Woods, *op. cit.* Traduzido pelo Autor

71 Michel Freitag, *op. cit.* p.78

72 Lebbeus Woods, *op. cit.*

73 David Harvey, *op. cit.* p.154

74 *Idem*, p.156

75 “Or were the modern architects asked to design spaces that better promote democracy, they would lay down their pens; there is no modern design equivalent to the ancient assembly.” Richard Sennett, *op. cit.* p.xi

em que o modo de vida de conforto, universalmente aclamado como o ideal deixará de ser possível, e aqueles que até então viveram no topo, terão de se confrontar com aqueles que almejavam viver como eles, e todos terão de adoptar novas formas de viver, que no entanto deixarão de ser uma livre escolha, sendo apenas consequentes das contingências do mundo.

No que toca à arquitectura, que durante as últimas centúrias foi muito fértil na elaboração de utopias, as últimas décadas do século XX não viram nascer praticamente nenhuma visão de um mundo francamente melhorado pela arquitectura. Parece que a arquitectura, e as suas aspirações, historicamente associadas à vanguarda artística e cultural, se renderam também ao avanço do capitalismo. Apesar de, nas últimas décadas, se ter tornado mais visível, o pensamento utópico entrou em declínio desde o despontar da Revolução Industrial, o que conduziu a uma *rendição da ideologia à política das coisas realizada pelas leis do lucro: à ideologia arquitectónica, artística e urbana resta a utopia da forma, como projecto da totalidade humana, numa síntese ideal, como posse da desordem através da ordem.*⁷⁶

A rejeição do pensamento utópico amplamente disseminada nos últimos dois decénios será entendida como o colapso de formas utópicas específicas. O comunismo tem sido amplamente desacreditado enquanto projecto utópico, e, actualmente, o neoliberalismo tem vindo crescentemente a ser visto como uma utopia destinada ao fracasso. Estará então a utopia condenada à extinção? *Deixaremos, então, simplesmente toda a ideia de utopianismo de qualquer tipo falecer uma morte não chorada? Ou deveremos tentar reacender as paixões utópicas novamente como um meio de galvanizar a mudança socio-ecológica?*⁷⁷

UTOPIA E CIDADE

As figuras da cidade e da Utopia estão ligadas eternamente; quase desde o alvorecer da urbanidade, a utopia, enquanto efabulação cosmogónica, encontra-se presente na fundação das cidades, as quais, através do seu traçado delineavam uma expressão terrena de uma vontade celestial. Assim, este pendor visionário patente no pensamento utópico esteve presente, através dos tempos, no planeamento urbano, no seu sentido mais lato. Platão associava as formas ideias de governo com a sua *República* de tal modo que os conceitos de cidade e cidadão se fundiam.⁷⁸ A tradição judaico-cristã, como já foi referido, definia o Paraíso como um lugar distinto, onde as boas almas descansariam eternamente, depois de

76 Manfredo Tafuri, *op. cit.* p.38

77 David Harvey, *op. cit.* p.195

78 *Ibid.* p.156

uma vida de sofrimento e dor no mundo temporal. E daqui adveio um conjunto infindável de metáforas.⁷⁹ E se o Paraíso é um lugar feliz, então, aquele outro lugar, o Inferno, o lugar do mal, do pecado, não pode estar muito longe. A cidade enquanto fulcro de miséria, decadência moral, desordem social e maldade indestrutível está também bem presente na miríade de metáforas que compõem o nosso universo cultural. Desde a Babilónia, Sodoma e Gomorra, à cidade de Gotham, a cidade é tida como um lugar sórdido. As distopias assumem também formas urbanas, como por exemplo, *O Admirável Mundo Novo*, de Huxley ou *1984* de Orwell. *A palavra “polícia” deriva do grego “polis” que significa “cidade”.*⁸⁰ Assim, as utopias tanto podem ser dispostas ora como infernos opressivos e autoritários, ora como paraísos felizes e emancipatórios.

A cidade foi, intermitentemente na história, palco das lutas pela liberdade dos seus habitantes. Na comuna medieval, as guildas de artesãos e comerciantes que as constituíam, uniram-se para exercerem livremente a sua vontade política e escreverem as suas próprias leis seculares. *Para expressar esta liberdade para controlar as suas vidas seculares, os habitantes das comunas medievais esculpiram sobre os portões de várias cidades hanseáticas o motto, Stadt Luft macht frei, o ar da cidade torna homens e mulheres livres.*⁸¹ Este espírito independente que caracteriza os habitantes das cidades vai ressurgindo, mesmo quando esmagado por poderes centralizadores e autoritários que, ao longo da história, se foram erguendo e desmoronando. Assim, desde a Grécia Antiga aos dias de hoje, as cidades assumem, se bem que ciclicamente, as rédeas dos seus destinos.

Em finais do século XIX, com as cidades rebentando pelas costuras, várias vozes se elevaram tentando encontrar uma solução. E essas vozes ecoariam até aos nossos dias, na medida em que, todas as visões utópicas que se foram sucedendo ao longo do século XX, tiveram a sua origem na relação ambivalente do século XIX com as cidades – ora celebrando-as como lugar do progresso, ora temendo-as pela dimensões desconhecidas que poderiam tomar. O medo gerado pelo sobrepopoamento das cidades e pela desintegração social causada por um anonimato crescente, são os principais factores que impulsionaram o despontar do planeamento urbano. *Ao longo do século XIX, o desenvolvimento urbano usou as tecnologias da locomoção, da saúde pública e do conforto privado para o funcionamento do mercado, o planeamento de ruas, parques e praças para resistir às exigências das multidões e privilegiar as pretensões dos indivíduos.*⁸² Assim,

79 “The heavenly city, the city of God, the eternal city, the shining city on a hill.” Ibid. p.156

80 Ibid. p.157

81 Richard Sennett, *The conscience of the eye*, p.135

82 Richard Sennett, *Flesh and Stones*, p.369

nascem a Paris de Haussmann e a Barcelona de Cerdà, que colocam a cidade sob o jugo da modernização, da higiene, do tráfego e do controlo social.

No virar do século, é possível entrever algumas abordagens distintas ao planeamento urbano. Uma linha seguidora da herança de Haussmann, colocando no topo das prioridades do desenho urbano as questões técnicas e de engenharia na construção das ruas, utilizando um modelo urbano que se reporta à cidade barroca, aos seus alinhamentos visuais e ao traçado de uma malha urbana com grande pompa e circunstância. Nos Estados Unidos, o movimento City Beautiful, que vê em Chicago o seu principal campo de experimentação, lidando com o recém-nascido arranha-céus e desenhando uma cidade que se reporta também ao vocabulário da cidade barroca, e assimilando uma monumentalidade expressiva de um desejo de elevação dos espíritos dos cidadãos. E, em Inglaterra, a Cidade-Jardim, teorizada por Ebenezer Howard, que encontrou vários adeptos, e que supunha a construção de cidades auto-suficientes, com um crescimento limitado, rodeadas de terrenos agrícolas, proporcionando um maior contacto com a Natureza, e eliminando os “males” da grande cidade, na medida em que se criavam comunidades de apoio mútuo. E, enquanto as primeiras duas abordagens advêm de um autoritarismo centralizado, continuado por Le Corbusier, e de um serviço fiel ao capitalismo ou, mesmo, a ditadores totalitários, o movimento da Cidade-Jardim, e, posteriormente, a Regional Planning Association of America, assim como o trabalho de vários homens e mulheres ao longo do século XX, estão imbuídos num espírito que nasce do movimento anarquista, prolífico no final do século XIX e início do seguinte. *A visão destes pioneiros anarquistas não era somente a de uma forma construída alternativa, mas de uma sociedade alternativa, nem capitalista, nem burocrática-socialista: uma sociedade baseada na cooperação voluntária entre homens e mulheres, trabalhando e vivendo em pequenas comunidades autónomas.*⁸³

UTOPIAS DEGENERADAS

Mas é claro que o caminho a percorrer para atingir um determinado objectivo, por muito benévolo que seja, pode transviar-se e o destino final não corresponder de todo ao desejado inicialmente. *Isto traz-nos à talvez mais intrigante categoria de Marin: a de utopias degeneradas. Marin utiliza a Disneyland como exemplo, um lugar supostamente feliz, harmonioso e não-conflitual posto de parte do mundo “real lá fora”, para acalmar e suavizar, para entreter, para inventar a história e para cultivar a nostalgia de um qualquer passado mítico, para perpetuar o fetiche da cultura consumista em vez de a criticar.*⁸⁴ Tudo isto é

⁸³ Peter Hall, *Cities of Tomorrow*, p.3

⁸⁴ David Harvey, *op. cit.* p.164

degenerado pois espaços como a *Disneyland* não oferecem qualquer crítica ao estado de coisas existente no exterior. Os centros comerciais construídos também como mundos fantásticos, onde o consumo é o rei supremo, são realidades cujos ambientes são projectados para induzir um estado de nirvana, em vez de instigar um sentido crítico. *E muitas outras instituições culturais – museus e centros patrimoniais, arenas para espectáculos, exposições e festivais – parecem ter como objectivo cultivar a nostalgia, a produção de memórias colectivas sanitizadas, nutrir sensibilidades estéticas acríticas e a absorção de futuras possibilidades numa arena não-conflitual que está eternamente presente.*⁸⁵ Numa cultura mediatizada, a memória e a identidade colectivas são induzidas a um apaziguamento que conduz a uma dormência e uma passividade acrítica, e assim, com as mentes anestesiadas, os indivíduos são incapazes de se aperceber das injustiças que os rodeiam, e de tomar acções para efectivar qualquer mudança.

É claro também, que quando o princípio originador de uma visão utópica nasce de um espírito autoritário e despótico, o resultado, muito dificilmente, para não dizer impossível de todo, será benéfico. *Uma ditadura inicia-se com boas intenções. Quer-se ajudar as pessoas e, portanto, corre-se o risco de destruir a sua personalidade.*⁸⁶ A cidade modernista foi teorizada nestes moldes. Se a Carta de Atenas receitava um relação saudável com a Natureza, advogando pela salubridade das construções, numa tentativa de minorar a tragédia quotidiana das cidades industriais sobrepopoadas, a ideia de sociedade presente na mente dos arquitectos modernistas ficava muito longe da revolução que iriam induzir no espaço urbano. Partindo do paradoxo de que, para descongestionar as cidades era necessário aumentar exponencialmente a sua densidade, e, simultaneamente libertar o máximo de espaço no solo possível, a construção em altura em apenas uma pequena parte do solo parecia ser a solução. Assim, a cidade tradicional encaminhava-se para a sua total demolição⁸⁷, para se proceder à construção de uma estrutura espacial geométrica, e, no entanto, diferenciada. No centro da *Ville Contemporaine* de Le Corbusier, encontrar-se-iam os arranha-céus do Plano Voisin⁸⁸, rodeados de apartamentos de luxo com seis pisos para as altas, e, em unidades-satélite, encontrar-se-ia o alojamento das classes trabalhadoras. *Ao contrário da Paris dos anos 20, onde ricos e pobres viviam tendencialmente numa justaposição próxima, a Ville Contemporaine teria sido uma cidade de classes*

85 "WE MUST BUILD ON A CLEAR SITE!" Peter Hall, *op. cit.*, p.168

86 Yona Friedman, *Pro Domo*, p.30

87 Peter Hall, *op. cit.* p.223

88 Atente-se ao nome deste plano visionário de Le Corbusier, e compreender-se-á que Le Corbusier se encontrava ao serviço do capital. "*His Plan Voisin of 1925 had nothing to do with neighborhood units, but was the name of an aircraft manufacturer who sponsored it.*" Peter Hall, *op. cit.*, p.222

*completamente segregadas.*⁸⁹ Já a *Ville Radieuse* supunha uma colectivização total da sociedade, vivendo esta, sem excepções, em apartamentos dimensionados nem para mais, nem para menos, que o mínimo necessário para uma existência suficiente. *O seu objectivo nunca foi proporcionar um alojamento agradável para uma euforia burguesa, nem privada nem pública. Pelo contrário, o seu ideal, que era tido como algo muito mais importante, consistia em exhibir as virtudes de uma pobreza apostólica, uma quase franciscana Existenz minimum.*⁹⁰

A herança do modernismo heróico dos anos vinte, é também um monumento à utopia degenerada. A extrema simplificação visual do espaço urbano, com a sua separação funcional dos aspectos inerentes à vida quotidiana, lazer, trabalho e circulação, resultaram numa ausência de diversidade a qualquer nível, o que conduziu a uma monotonia opressiva, e, no fim, à desorientação. *Os clichés visuais originados pela repetição mecânica de elementos idênticos em todas as escalas e a falta de complexidade dos estímulos visuais são típicos de um movimento caracterizado por um funcionalismo estrito e uma obsessão com purismo e clareza.*⁹¹ Ainda mais, posteriormente, a união entre a visão da Cidade-Jardim e da cidade Modernista, suportada pela circulação automóvel, degradou a urbanidade sobrevivente, conduzindo ao total abandono do espaço público, tornando-se este somente no espaço sobrance do edificado. *Por improvável que a fusão destes pontos de vista antitéticos possa ter parecido naquela época, é exactamente este casamento entre Unwin e Le Corbusier, sob o disfarce de pitorescas ruas suburbanas e superautoestradas, que caracteriza o padrão de povoamento em maior expansão no final do século XX nos Estados Unidos: os “sub-subúrbios” que constituem o limite mais longínquo das cidades e o programa dirigido por privado de novos pólos urbanos.*⁹²

OUTROS LUGARES

As utopias oferecem consolo; são, geralmente, uma analogia inversa do espaço real da sociedade. Apesar de não possuírem uma real localização, têm no entanto toda uma região fantástica e isenta de problemas, na qual podem desenvolver-se; as utopias abrem nas cidades vastas avenidas, belos jardins, enfim, lugares onde a vida é fácil, apesar de o caminho até eles ser quimérico.⁹³ Heterotopias, esses “outros” lugares, que compõem as diversas culturas humanas, *espaços reais e efectivos que são definidos na própria*

89 Ibid., p.225

90 Colin Rowe e Fred Koetter, *op. cit.*, p.11

91 Eduardo Lozano, *op. cit.*, p.283

92 Spiro Kostof, *The City Assembled*, p.234

93 Michel Foucault, *The Order of Things*, cit. por David Harvey, *op. cit.*, p.183

*instituição da sociedade, mas que constituem uma contra-ordem, uma utopia efectivamente realizada, na qual a ordem real encontrada no seio da sociedade, é simultaneamente representada, desafiada e derrubada: um lugar que se encontra fora de todos os lugares, e, no entanto, localizável.*⁹⁴ Ora lugares de crise, lugares sagrados ou privilegiados, para aqueles que se encontram num estado de crise, no que toca à sociedade ou ao ambiente envolvente, *adolescentes, mulheres durante o período menstrual ou em trabalho de parto, idosos, etc.*⁹⁵ Ora lugares para daqueles que desviam do padrão, *eles são os lcentros de dia, clínicas psiquiátricas e [...] prisões, [...] lares de terceira idade [...]. Isto deve-se ao facto de numa sociedade como a nossa, onde o prazer é a regra, a inactividade da velhice constitui não apenas uma crise mas um desvio.*

Por conseguinte, as heterotopias permitem centrarmo-nos na realidade, *o conceito permite Foucault escapar do “não-lugar” que é a utopia [...] e regressar à terra em lugares específicos de práticas concretas.*⁹⁶ São lugares que, por serem reais, podem operar mudanças de comportamento no seio a sociedade. São lugares onde uma outra realidade se efectiva, onde a vida é experimentada de um modo diferente – *o clube de jazz, o salão de baile, o jardim comunitário.*⁹⁷ Lugares onde as alternativas podem ser exploradas, não apenas como ficções da imaginação, mas através de processos sociais já existentes. É nestes espaços que as alternativas podem ser delineadas e uma crítica às normas e à realidade social se pode mais eficazmente elevar.

O arquitecto tem estado profundamente embrenhado ao longo da história na produção de outros lugares, perseguindo ideais utópicos. O arquitecto molda os espaços para lhes atribuir uma utilidade social, assim como um significado humano, estético e simbólico. *O arquitecto molda e preserva memórias sociais duradouras e esforça-se para atribuir uma forma material às aspirações e desejos dos indivíduos e das colectividades. O arquitecto luta para abrir espaços para novas possibilidades, para futuras formas de vida social.*⁹⁸ E esta dimensão visionária do trabalho do arquitecto, capaz de expressar no espaço o *Zeitgeist* da sua era, imprimindo na paisagem o resultado empírico da multiplicidade de actos de uma sociedade, moldando, então a realidade a novas necessidades, a novos paradigmas de pensamento, é essencial à perseguição de utopias, de outros lugares, de alternativas. *O que distingue o pior arquitecto da melhor abelha é que o arquitecto eleva a*

94 Michel Foucault, *Utopias and Heterotopias*, p.352

95 Ibid.

96 David Harvey, *op. cit.*, p.185

97 Ibid. p.184

98 Ibid. p.200

sua estrutura na imaginação antes de a erigir na realidade.⁹⁹ Assim, adoptando-se a figura do arquitecto como uma metáfora para as nossas acções diárias, tornamo-nos arquitectos do nossos próprios destinos e fortunas,¹⁰⁰ então, moldaremos, e construiremos o nosso mundo, na medida em que através dos nossos comportamentos e das nossas escolhas mudaremos as condições físicas e sociais do nosso futuro, e das gerações vindouras.¹⁰¹

A busca de outros lugares é um processo lento, cujo desfecho é desconhecido. *O processo projectual é semelhante ao termo “jogo” de Wittgenstein, o qual, afirma, “jogamos – e fazemos as regras à medida que vamos avançando.” A arquitectura não está livre do contexto.*¹⁰² E o facto de a arquitectura se encontrar intrinsecamente ligada ao contexto em que é produzida, não é sinal de fraqueza. *Platão admirava o arquitecto como metáfora, mas desprezava-o como um trabalhador mundano, pois o arquitecto real, e mesmo a arquitectura em si, estão expostos à contingência. A contingência não implica, no entanto, que, ao contrário do ideal do arquitecto, a arquitectura seja secundária e que esteja constantemente em perigo de colapso.*¹⁰³ Assim, a contingência assegura que nenhum arquitecto está livre para determinar qualquer projecto sem se relacionar com o “outro” – o cliente, os trabalhadores associados, ou outros factores relevantes para o processo de projecto. Todos os arquitectos enfrentam o “outro”. *A arquitectura é, por conseguinte, uma forma de comunicação condicionada para ocorrer sem uma regra comum – é uma comunicação com o outro, que, por definição, não segue o mesmo conjunto de regras.*¹⁰⁴

99 Karl Marx, *Capital*, cit. por. David Harvey, *op. cit.* p.200

100 David Harvey, *op. cit.* p.200

101 “All species (including human beings) can affect subsequent evolution through behaviour. All species (including humans) make active choices and by their behaviour change the physical and social conditions with which their descendants have to cope.” David Harvey, *op. cit.*, p.212

102 Karatani, *Architecture as Metaphor: Language, Number, Money*, cit por. David Harvey, *op.cit.*, p.230

103 Ibid.

104 Ibid

Small is beautiful.

E. F. Schumacher¹⁰⁵

Trata-se [...] de abandonar uma fé ou religião, a da economia, do progresso e do desenvolvimento, de rejeitar o culto irracional e quase idólatra do crescimento pelo crescimento.

Serge Latouche¹⁰⁶

UM FUTURO SIMPLES

Não sendo o lugar para o efeito, nem havendo tempo suficiente para nos alongarmos sobre o assunto, pode-se, no entanto, traçar um pequeno e sucinto retrato de um futuro possível, de um objectivo para onde caminhar, de um panorama sobre o qual se deseja trabalhar. Depois de vermos a crueza da realidade imposta pelo capitalismo, o acelerar do tempo para além das capacidades de apreensão humana, o quebrar dos laços sociais, mantendo a multidão num estado letárgico, a destruição em larga escala do meio envolvente, suporte da vida, questionamos, portanto a manutenção de um sistema político-económico, que tem consequências atroz na existência humana, e que se apresenta como o pontificar das aspirações humanas. Será que temos de continuar a consumir do mesmo modo como temos feito até aqui, conduzindo à exaustão do planeta? Será que a sobrevivência da humanidade no seu todo está condenada a uma luta constante, pelos recursos, pela ascensão social, numa luta darwinista que privilegia somente os mais aptos? Será que o verdadeiro poder da vida humana tem de ser delegado a corporações multinacionais e a elites políticas? Será que a tecnologia será o meio para resolver os grandes problemas levantados pelo nosso estilo de vida? Será que mega-centrais de fusão nuclear ou painéis solares extremamente eficientes, tecnologias ainda não existentes, serão capazes de alimentar as necessidades energéticas que constantemente crescem? Não será melhor, contudo, refrear o vício consumista, reduzir as nossas necessidades e sintonizarmo-nos com os ritmos milenares que comandaram a humanidade?

Um dos pilares da religião em que se tornou o capitalismo é o crescimento ilimitado, e, curiosamente, esta ideia é transversal a todas as ideologias políticas.¹⁰⁷ Assim, se um novo paradigma sócio-económico se fundar sobre a ideia do decrescimento, palavra esta que *tem sobretudo por finalidade ficar a assinalar claramente o abandono do objectivo do*

105E. F. Schumacher *Small is beautiful: A study of economics as if people mattered*

106Serge Latouche, *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*, p.19

107"Todos os regimes modernos foram produtivistas: repúblicas, ditaduras e sistemas totalitários, quer os seus governos fossem de direita ou de esquerda, liberais, socialistas, populistas, sociais-liberais, sociais-democratas, centristas, radicais ou comunistas. Todos consideraram o crescimento uma pedra angular do seu sistema inquestionável." Serge Latouche, *op. cit.* p.48

*crescimento ilimitado, cujo motor não é senão a busca do lucro pelos detentores do capital, com consequências desastrosas para o ambiente e, portanto, para a humanidade,*¹⁰⁸ abrir-se-ão novos horizontes à imaginação, e novas possibilidades surgirão. É claro que não se trata de substituir simplesmente uma crença por outra, *dado que o contrário de uma ideia perversa não é necessariamente uma ideia virtuosa, não se trata de preconizar o decrescimento pelo decrescimento, o que seria absurdo, embora afinal, não o fosse mais nem menos do que preconizar o crescimento pelo crescimento.*¹⁰⁹ De facto, já não é necessária uma classe revolucionária para derrubar o capitalismo, uma vez que ele próprio caminha para a sua derrocada catastrófica, cavando a sua própria sepultura, e a luta de classes parece ter-se esgotado com o triunfo do capital, *os vencidos deste confronto plurissecular, mais numerosos que nunca, estão, no entanto, divididos, desestruturados, perderam a sua cultura e (já) não constituem uma classe revolucionária.*¹¹⁰ No entanto, esta derrocada não garante por si só novos amanhã promissores, é necessária uma revolução da sociedade e das suas instituições, não uma revolução sangrenta, conducente a guerras civis, mas uma autotransformação da sociedade que conduza, não a uma inversão mecânica do crescimento, mas a uma sociedade autónoma, mais sóbria e equilibrada. Decrescer não significa regredir a um passado misterioso, no qual existiria um despojamento, exacerbado na maioria das vezes por desigualdades insuportáveis. Significa, contudo, compreender as reais necessidades para atingir a felicidade e o bem-estar, para, assim, reduzir o que é acessório, fútil. Actualmente o desenvolvimento sacrifica o bem-estar real das populações, em nome de um bem-estar abstracto. Nos países ditos desenvolvidos, o crescimento da economia já não corresponde a melhorias significativas da qualidade de vida, geralmente associadas ao desenvolvimento (esperança-média de vida, mortalidade infantil, etc.) e os indicadores de felicidade e bem-estar, nestes países que vivem, há já muito tempo, confortavelmente os efeitos do crescimento económico, encontram-se em níveis baixíssimos, sendo cada vez maior o número de depressões psicológicas, suicídios e descontentamento generalizado.¹¹¹ Ao possuir menos necessidades relativas, que ao contrário das fundamentais (como a alimentação, vestuário, sociabilidade...), são fruto de um sistema baseado numa dinâmica de criação ilimitada de *necessidades, que, em paralelo, se procuram satisfazer, produzindo bens correspondentes de reparação, compensação ou consolação*, será possível atingir novos patamares de bem-estar.

108Serge Latouche, *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*, p.18

109Idem

110Ibid. p.92

111Richard Wilkinson e Kate Pickett, *The Spirit Level: Why equality is better for everyone*, p.5

O *projecto do decrescimento é, portanto, uma utopia, quer dizer, uma fonte de esperança e de sonho*.¹¹² E actua simultaneamente em diversos campos da realidade humana, a economia, a política, as relações sociais, a ecologia, reconhecendo o carácter interligado de todos os aspectos. Ao nível político, uma questão tem vindo, desde tempos imemoriais, a ser discutida e batalhada inúmeras vezes com o derramamento de sangue – *A quem devemos delegar o poder da vida humana?*¹¹³ E assim, a utopia do decrescimento batalha pela invenção de uma democracia ecológica local, baseada nos limites naturais do governo dos homens, dado que, a mera dimensão dos grupos humanos, ao aumentar significativamente, impossibilita uma verdadeira participação política. Muitos já se debruçaram sobre as possibilidades de a humanidade se organizar em regiões independentes, com fronteiras definidas através das características físicas e ambientais, com uma economia própria, autodeterminadas, enfatizando as populações locais, o conhecimento e a ligação ao *território como lugar de vida em comum e, portanto, que se deve preservar e cuidar para bem de todos*.¹¹⁴

Para uma real autonomia política ser possível, dever-se-á reencontrar uma autonomia económica local. Enquanto que as regiões rurais conseguiram ao longo de milénios suprimir as suas necessidades alimentares, actualmente, encontram-se tão dependentes do exterior quanto as cidades, onde não existe agricultura. Assim, a auto-suficiência alimentar, e posteriormente, a económica e financeira, são os principais objectivos a alcançar. O simples facto de uma determinada região produzir inteiramente aquilo que consome, é suficiente para se libertar das amarras das corporações multinacionais, e encetar o caminho para a autodeterminação. No entanto, a independência económica não significa voltar as costas às regiões vizinhas, uma troca de excedentes é sempre possível, e desejável, eliminando-se apenas, os efeitos perversos da especulação das lógicas de mercado. O comércio local, de proximidade e a realocização das indústrias são privilegiados, contribuindo também para um ressurgir do valor local, que permite *às pessoas estarem mais em conjunto, tal como sucedera até aos anos 60, graças às escolas de aldeias e às empresas “familiares”, às mercearias de esquina e aos cinemas de bairro, em vez de passarem a vida no “vaivém” entre complexos escolares, zonas industriais e as grandes superfícies das periferias*.¹¹⁵

Revolucionar o mundo do trabalho é outro campo de acção fundamental. Trata-se de abandonar a lógica produtivista, que visa somente a obtenção de lucro, a exploração do

112Ibid. p.48

113Joseph Beuys, *Cada Homem Um Artista*, p.32

114Serge Latouche, *op. cit.*, p.66

115Michel Singleton, cit. por Serge Latouche, *op. cit.*, p.68

semelhante, e repensar o lugar do trabalho e o seu valor na sociedade. Se, *durante séculos, os ganhos de produtividade foram sistematicamente transformados em crescimento do produto, e não em decréscimo do esforço*,¹¹⁶ a procura de vir a satisfazer as necessidades *duma arte de viver convivial para todos pode realizar-se com uma diminuição importante do tempo de trabalho obrigatório*.¹¹⁷ Então, com a redução, ou desaparecimento de inúmeros postos de trabalho, resultado de uma mudança de modo de vida, que conduz a um “emagrecimento” de sectores económicos vocacionados para a criação, e conseqüente supressão, de necessidades inúteis e artificiais, como a publicidade, a indústria automóvel ou o turismo, não surgirá um desespero social resultante do desemprego. Contudo, surgirão novas oportunidades, associadas ao aparecimento de novos empregos “verdes” (energias renováveis, reflorestação, agricultura biológica, ecoarquitectura), à redução da produtividade causada pelo abandono de tecnologias poluentes e à realocação das actividades (eliminando a exploração das populações mais pobres). *Fazer aumentar o tempo livre de obrigações laborais para permitir o desenvolvimento pessoal dos cidadãos na vida política, privada e artística, ou também no jogo ou na contemplação, é a condição duma nova riqueza*.¹¹⁸

Esta é uma utopia de um futuro no qual o materialismo e individualismo não são os valores basilares da sociedade. Um futuro simples, sóbrio e frugal, onde os valores que constituem a base do nosso desenvolvimento são *a preocupação com a verdade, sentido de justiça, responsabilidade, respeito pela democracia, elogio da diferença, dever de solidariedade, vida do espírito*. Um mundo pontilhado por inúmeras regiões autónomas, resilientes, vivendo fraternalmente, um mundo onde a natureza não é mais subserviente, um mundo onde *o altruísmo, a cooperação, o prazer do lazer e o ethos do jogo, a importância da vida social, o local, a autonomia, o gosto pela obra bela, o razoável e o relacional*, [substituíram], *respectivamente, o egoísmo, a competição desenfreada, a obsessão pelo trabalho, o consumo ilimitado, o global, a heteronomia, a eficiência produtivista, o racional e o material*.¹¹⁹ E talvez, num mundo mais simples o Homem possa espriar as asas e voar mais alto. *Se os homens construíssem as suas residências com as próprias mãos, e arranjassem alimento para si e a família de maneira bastante simples e honesta, quem sabe se não desenvolveriam universalmente a faculdade poética, cantando como fazem todos os pássaros quando assumem um compromisso dessa natureza? [...] Que representa a*

116Serge Latouche, *op. cit.* p.111

117Idem

118Ibid., p.114

119Cornelius Castoriadis, cit. por Serge Latouche, *op. cit.*, p.51

arquitetura na experiência da maioria dos homens? [...] Onde acabará a divisão do trabalho? E ao serviço de que objectivo estará ela, afinal? Não há dúvida de que outra pessoa pode também pensar por mim, mas nem por isso é desejável que o faça, impedindo-me de pensar por mim mesmo.¹²⁰

120 Henry David Thoreau, *Walden ou a vida nos bosques*, p.62

INCURSÕES NO PASSADO

The timeless character of buildings is as much a part of nature as the character of rivers, trees, hills, flames and stars.

Christopher Alexander¹²¹

É o conhecimento do passado que constitui o termo de confronto e a medida do porvir.

Aldo Rossi¹²²

CONDIÇÃO IMUTÁVEL DO HOMEM

Como se afirmou no início, a humanidade conseguiu expressar um sentido de perenidade transcendental ao implantar-se na paisagem através dos tempos. Sentido esse extinto nestes dois séculos turbulentos, de crescente industrialização e constante acelerar do tempo, que conduziram à eliminação de uma possibilidade de futuro através de uma tirania do presente. Portanto, é necessário desipotocar o futuro, recuperá-lo. A nossa compreensão do tempo tem de ser repensada. Urge então citar Aldo van Eyck: *Parece-me que passado, presente e futuro devem estar activos no interior da mente, como se fossem um continuum. Se não for assim os artefactos que produzimos não terão profundidade temporal ou perspectiva associativa. [...] Os arquitectos de hoje estão patologicamente comprometidos com a transformação, vendo-a como algo que se pode impedir, correr atrás ou, na melhor das hipóteses, algo com cujo desenvolvimento é possível manter-se em dia. Esta é, segundo imagino, a razão pela qual eles tendem a separar passado e futuro, com o resultado de o presente acabar por tornar-se emocionalmente inacessível, privado de dimensão temporal. Não me agrada uma atitude sentimental e obsoleta para com o passado, assim como abomino uma atitude sentimental e tecnocrática para com o futuro. Ambas têm por base uma noção de tempo estática e mecanicista (algo que os antiquários e tecnocratas têm em comum). Portanto é melhor começar pelo passado, para variar, e descobrir a imutável condição do homem.*¹²³

É este o pensamento que devemos seguir, fazer uma pausa, e olhar para os milénios que nos antecederam, numa análise diacrónica da humanidade e da sua implantação na paisagem, das estruturas sociais e espaciais históricas, e compreender quais as estruturas arquetípicas e, portanto, constantes, para assim integrarmos serenamente o *continuum* passado, presente, futuro; mesmo tendo consciência da ruptura total com o passado e evacuação do futuro que a modernidade impôs e que ainda se faz sentir, pois anda-se sem

121A *Timeless Way of Building*, p.528

122A *Arquitectura da Cidade*, p.64

123Cit. por Kenneth Framton, *História crítica da arquitectura moderna*, p. 361

rumo, tentando juntar os cacos deixados por uma explosão destruidora, e por mais que se encontrem as peças do *puzzle*, a sua montagem é incompreensível ou incompleta. Devemos, portanto, procurar a essência da arquitectura, aquela qualidade inominável que dá vida a uma casa, a uma cidade. *Existe uma qualidade central que constitui o critério essencial da vida e espírito de um homem, uma cidade, um edifício, ou da natureza selvagem. Esta qualidade é objectiva e precisa, mas não pode ser nomeada.*¹²⁴ Todos somos capazes de identificá-la, de senti-la; porém, permanecerá sem nome, pois nenhum é suficiente para a definir; viva, inteira, confortável, exacta, eterna, são palavras que não conseguem captar toda a essência desta qualidade sem nome, mas que, no entanto, integram-se na sua definição. *A qualidade que não tem nome inclui estas qualidades mais simples, mais doces. Mas é, também, tão comum, que nos lembra o próprio desenrolar da nossa vida.*¹²⁵

De facto, a humanidade, ao implantar-se em praticamente todos os recantos da Terra, humanizando a paisagem, adaptando-se ao clima e topografia específicos de cada lugar, demonstrou que existe um modo intemporal de construir, e, portanto de habitar. *Existe um modo intemporal de construir. Tem milhares de anos e é igual, hoje, ao que sempre foi. Os grandes edifícios do passado, as aldeias e tendas, e templos nos quais o Homem se sente em casa, sempre foram feitos por pessoas muito próximas deste modo. Não é possível fazer grandes edifícios, ou grandes cidades, lugares belos, lugares onde nos sentimos nós próprios, onde nos sentimos vivos, se não seguirmos este modo.*¹²⁶ Então, apesar de se encontrar adormecido nas nossas mentes, este carácter intemporal ainda existe. Somente é necessário reavivar a memória, e assim, compreenderemos os valores constantes da nossa existência – a necessidade de abrigo, de estabelecer relações fortes, de simplesmente sonhar...

COMUNIDADES URBANAS

A busca pelo equilíbrio, pela plena convivialidade nas cidades há muito se tem centrado na criação de comunidades urbanas coesas e com uma identidade própria. *Das cidades-modelo utópicas às aldeias industriais do século dezanove e das colónias de artistas aos subúrbios ajardinados planeados, houve muitas tentativas de criar novas comunidades nos últimos dois séculos.*¹²⁷ Numa cidade composta por uma infinidade de pessoas e grupos, o

¹²⁴Christopher Alexander, *The Timeless Ways of Building*, p.19 Traduzido pelo autor

¹²⁵Ibid. p.40

¹²⁶Ibid. p.7

¹²⁷Ali Madanipour, *Public and Private Spaces of the City*, p.141 Traduzido pelo autor

espaço urbano não é definido somente pela distinção entre público e privado, é subdividido também de acordo com padrões socio-económicos e culturais. Assim, num espaço urbano pouco homogéneo, o bairro torna-se numa unidade de identidade colectiva. *Um bairro pode ser um pequeno mundo onde se cria significado, onde as crianças passam por processos de socialização e de auto-identificação.*¹²⁸ É no bairro que diferentes grupos sociais, étnicos e culturais, e outras subsecções da sociedade, encontram o seu lugar particular. Portanto, o bairro é um elemento determinante na estratificação dos espaços na cidade, é o lugar onde se materializam no espaço a identidade e a diferença. *É aqui que a universalidade associada à distinção público-privado encontra um sabor particular, na medida em que se encaixa no enquadramento distintivo do bairro.*¹²⁹ Assim, o bairro é uma unidade com o seu carácter próprio, que no entanto se insere numa realidade que o transcende. *O bairro torna-se, por conseguinte, um momento, um sector da forma da cidade, intimamente ligado à sua evolução e à sua natureza, constituído por partes à sua imagem.*¹³⁰

A maioria das comunidades urbanas foram desenhadas e criadas por não-profissionais. Mas actualmente às populações, na sua maioria, foi interdito o acesso aos processos projectuais que moldarão o ambiente construído. *O ponto de viragem mais demarcado é a Revolução Industrial, no mundo ocidental, que trouxe consigo o colapso do artesão como projectista e construtor; este colapso também afectou unidades de decisão locais e empresas de pequena escala.*¹³¹ Procedeu-se, então a uma profissionalização da construção de comunidades, expressa numa crescente especialização dos saberes e competências, o que acaba por limitar o acesso à actividades de projecto, e colocar o técnico no topo da hierarquia. E esta dominação do técnico tem sido, desde o início do século, contestada.¹³²

No entanto, ao longo da história dá-se uma evolução paralela das duas tradições, a popular, e a profissional, ou erudita. Enquanto que a primeira, corporificada por inúmeros homens e mulheres anónimos, se ocupou até muito recentemente da construção de aldeias, vilas e cidades, moldando o habitat humano, a segunda, estabelecida pelos arquitectos profissionais, ocupou-se principalmente com determinados edifícios e monumentos, que representam apenas uma pequena, mas muito visível, parte do ambiente construído. Assim, os *designers* populares foram construindo as habitações e edifícios que compõem aquilo a

128Ibid. p.160

129Ibid. p.136

130Aldo Rossi, *A Arquitectura da Cidade*, p.88 Traduzido pelo autor

131Eduardo Lozano, *op. cit.* p.12 Traduzido pelo autor

132" The Town Planning Movement is on this side a revolt of the peasant and the gardener, as on the other side of the citizen, and these united by the geographer, from their domination by the engineer. Only when the mechanical energies of the Engineer are brought into line with all other aspects of the city, and these reunited in the service of life, can he change from blundering giant into helpful Hercules..." Patrick Geddes *Report on the Planning of Dacca*, 1917 cit. por Peter Hall, *op. cit.* p.262

que se chama cidade corrente, imbuídos numa tradição de construção transmitida de geração em geração e sofrendo poucas alterações, enquanto que os *designers* profissionais, inseridos numa cultura erudita, próximos das elites, foram construindo os edifícios que viriam a incorporar a história oficial da arquitectura, igrejas, palácios e outros edifícios monumentais e institucionais. O trabalho do arquitecto é, portanto, resultado de encomendas de um cliente, um patrono das artes, um membro da elite de uma sociedade relativamente complexa. É resultado também da iniciativa individual inserida num contexto, em que os estilos e as modas, são passageiras e em constante mudança, e no qual a novidade e a inovação são valorizadas por si próprias, o que se traduz numa mudança cíclica de estilos, na criação de edifícios únicos e prestigiantes.

A construção das cidades é feita actualmente num só grande gesto, numa grande operação posta em marcha por apenas uma entidade, seja pública ou privada (ou uma parceria entre ambas). Isto significa que o carácter evolutivo, no qual as cidades se vão desenvolvendo lentamente, com pequenas adições dos seus habitantes, deixa de existir, e assim, tenta-se criar algo que geralmente demorou centenas e centenas de anos a concretizar-se. *As boas intenções, no entanto, cegam o urbanista para uma verdade que o romancista conhece bem: não se pode começar algo criando preenchimento imediato. [...] O "carácter" no espaço urbano, como num romance, desenvolve-se através de deslocações que encontram resistência.*¹³³ As cidades, ou pelo menos as novas partes, são criadas na sua totalidade, não restando grande espaço para alterações ou melhoramentos incrementais. E a população encontra-se separada da arquitectura e da cidade, é simples consumidora de um produto criado para além de qual participação colectiva, para além dos desejos dos futuros habitantes, apenas um produto criado para um ser abstracto, estatístico, médio, que não tem qualquer correspondência na realidade, pois não existe um homem médio com determinada altura média, assim como não existe um agregado familiar tipo. Por conseguinte, cabe ao arquitecto criar as condições para uma maior participação no ambiente construído. *O arquitecto pode contribuir para a criação de um ambiente que ofereça muito mais oportunidades para as pessoas deixarem as suas próprias marcas e identificação, de tal modo que possa ser apropriado e anexado por todos como um lugar que verdadeiramente lhes "pertença"*¹³⁴ Por conseguinte, gera-se um sentimento de pertença e um envolvimento sentimental com o espaço do bairro, o espaço público que serve de transição entre o lar e a cidade.

133Richard Sennett, *The Conscience of the Eye*, p.196 Traduzido pelo autor

134Herman Hertzberger, *Lessons for Students in Architecture*, p.47 Traduzido pelo autor

Nos últimos anos, o bairro assumiu um papel preponderante no planeamento urbano, na medida em que a recuperação do seu papel social, laboral e comercial é um dos objectivos de um planeamento sustentável. Assim, com a construção de bairros onde uma pessoa pode suprir as suas necessidades, deslocando-se a pé, uma vez que o comércio local é privilegiado e a distribuição de postos de trabalho é feita localmente; então, é possível promover uma emancipação do automóvel, e estimular um estilo de vida mais saudável e rico em múltiplos contactos sociais. A par da concentração de funções, semelhante à que ocorria nas cidades tradicionais, é necessário aumentar a densidade populacional dos bairros, mas, no entanto, mantendo uma escala humana, e uma relação estreita entre as habitações e o espaço público, promovendo um maior envolvimento e criando um sentido comum. *Portanto o que [se] pede é a necessidade de projectar os espaços que usamos, das nossas casas a cidades inteiras, de modo a desenvolver uma lógica comunitária. Na pequena escala, a sua sugestão é "prover espaços partilhados para as pessoas socializarem", como por exemplo lugares para sentar, caixas de areia, parques infantis, lavandarias e equipamentos desportivos. Espera-se que os espaços públicos ao nível do bairro ofereçam, portanto, oportunidade para interacção social, logo, a criação de um sentido de comunidade.*¹³⁵

Quer seja um tema recentemente reabilitado por novas correntes do urbanismo, ou um tema ancestral, a construção de comunidades e bairros é um processo constante da existência humana. *Os bairros são um facto social e existem onde quer que seres humanos se reunam.*¹³⁶ E a estruturação de uma comunidade radica-se na construção do espaço público que a acaba por conformar. *A um agrupamento, muitas vezes moldado em torno de um espaço público, é associado o significado de encerramento, privacidade, intimidade, identidade e comunicação. Este era um precedente histórico bem conhecido, já que algumas divisões e edifícios eram dispostos à volta de um pátio, uma aldeia formava-se em redor de um espaço verde comum, uma cidade à volta de uma praça. Tornar-se-á um valor social materializado: as relações amigáveis desejadas entre seres humanos traduzidas em forma construída.*¹³⁷ É claro que a construção de bairros com uma identidade própria, pode conduzir a uma segregação, criando-se guetos de diferentes grupos.¹³⁸ E um tecido social

135Ali Madanipour, *op. cit.*, p.140 Traduzido pelo autor

136Lewis Mumford, cit. por Ali Madanipour, *op. cit.*, p.140 Traduzido pelo autor

137Ibid. p.142

138"When, for example, Jane Jacobs launched her famous critique of modernist processes of city planning and urban renewal, she in effect set up her own preferred version of spatial play by appeal to a nostalgic conception of an intimate and diverse ethnic neighborhood in which the artisan forms of entrepreneurial activity and employment and interactive face-to-face forms of social relating predominated. Jacobs was in her own way every bit as utopian as the utopianism she attacked. [...] Her version of spatial play contained its own authoritarianism hidden within the organic notion of neighborhood and community as a basis for social life. [...]"

bastante próximo pode também conduzir a um apertado controlo social, semelhante ao existente em pequenas aldeias, quebrando-se o sentido essencial de uma relação de vizinhança que faça nascer um sentimento de pertença. Portanto, um equilíbrio tem de ser encontrado, entre a intimidade do bairro e o anonimato da cidade, tem que se encontrar uma definição espacial na qual sejam legíveis estes valores, assim, um bairro pode ser lido na sua forma, como uma entidade com limites bem definidos, havendo uma entrada, ponto de transição entre o bairro e a restante cidade, que acabará por se tornar um ponto com bastante actividade. *Espaços menos conflituosos para além das fronteiras são menos activos. O centro social encontra-se no limite físico.*¹³⁹

DOMÍNIO PÚBLICO E ESFERA PRIVADA

Quando se aborda a dicotomia público e privado, abrange-se um vasto leque de espaços, presentes numa gradação de privacidade, que se sobrepõem. No entanto, podem-se definir duas esferas distintas, a privada, que abarca os espaços de encobrimento, de intimidade, e a pública, com os espaços de exposição, de publicidade. Por conseguinte, a esfera privada centra-se no corpo, na manutenção da segurança e bem-estar. Assim na esfera privada enquadram-se o mundo interior da mente, talvez o espaço de intimidade máxima, no qual cada indivíduo assume a sua existência livre do mundo exterior; o espaço pessoal do corpo, que constitui o perímetro que o nosso corpo ocupa, e se torna o reduto da privacidade; o espaço exclusivo da propriedade, que é a garantia de protecção do exterior; e o espaço íntimo do lar, onde um indivíduo pode simplesmente ser, tranquilamente, sem interferências do mundo exterior. Quanto aos espaços de exposição, da esfera pública, encontram-se o espaço interpessoal de sociabilidade, primeira etapa do espaço público, havendo familiaridade entre os actores; o espaço comum do bairro, espaço de partilha e convívio com a vizinhança com a qual se estabelecem relações mais superficiais; a esfera meta-espacial pública, que abarca os vários meios de comunicação, *um espaço comum onde se julga que os membros da sociedade se vão encontrar através de variados meios: impresso, electrónico e também cara-a-cara; para discutir assuntos de interesse comum; e logo conseguem formar uma ideia comum sobre os mesmos.*¹⁴⁰ e, por último o espaço impessoal da cidade, espaço de anonimato e relações simplesmente funcionais.

No entanto, estas categorias de espaços não são estanques, interpenetram-se, criando uma

Pursuit of Jacobs's goals could easily justify all those 'intimately designed' gated communities and exclusionary communitarian movements that now fragment cities across the United States." David Harvey, *op. cit.* p.164

¹³⁹Richard Sennett, *The Conscience of the Eye*, p.197 Traduzido pelo autor

¹⁴⁰Charles Taylor, cit. por Ali Madanipour, *op. cit.*, p180 Traduzido pelo autor

grande ambiguidade entre o que é o domínio público e o privado. O espaço privado do lar é constantemente penetrado pela esfera meta-espacial pública dos *mass media*, e estes intrometem-se repetidamente na intimidade de celebridades ou figuras públicas. Ou quando um pequeno grupo de amigos se reúne num espaço público impessoal, criam um pequeno núcleo privado, impermeável a estranhos. É este jogo entre o domínio público e a esfera privada que define a vida da cidade. *O equilíbrio entre as esferas pública e privada na cidade, ajuda a manter o civismo e o recolhimento, mantendo o material perturbador fora da arena pública e protegendo a vida privada dos efeitos do olhar externo.*¹⁴¹ E a ambiguidade patente, nomeadamente na definição das fronteiras entre os vários níveis de privacidade e publicidade, confere à cidade uma grande riqueza e flexibilidade. Assim é possível diferenciar os espaços consoante as relações entre espaço público e privado determinadas por diferentes modos de estar e conviver. *O modo de progredir não poderia passar por abolir todas as distinções e fronteiras para criar um caos informe, com o qual sofreriam os mais fracos, mas criar a flexibilidade suficiente que permita um diálogo entre o que está dentro e fora e manter sempre a possibilidade de redesenhar fronteiras.*¹⁴²

O espaço público, é, e sempre foi, o lugar de confronto com as diferenças, com o outro. *O espaço público é, então, o espaço da co-presença e simultaneidade, onde diferentes actores podem estar presentes no mesmo espaço, ao mesmo tempo, onde indivíduos se podem desenvolver livremente dentro de uma pluralidade de possibilidades negociadas colectivamente.*¹⁴³ No entanto, a pluralidade do espaço público é actualmente temida,¹⁴⁴ o mundo exterior tornou-se ameaçador, uma vez que o envolvimento na sociedade ficou reduzido somente ao núcleo familiar, eliminando-se a noção de um destino partilhado com os conterrâneos e o sentido de uma participação efectiva no devir da sociedade no seu todo. *À medida que a família conjugal se desassociava da reprodução da sociedade, apenas uma ilusão intensificada de reino privado restava. Neste processo o público do debate cultural transformou-se num público do consumo cultural, engrenado na recepção individual e no consumo de produtos culturais, ao invés de um público que se entregue a um debate racional crítico.*¹⁴⁵ Portanto, a par da transformação dos indivíduos em consumidores passivos de uma cultura mediatizada, um processo de interiorização, posto em marcha na

141Ali Madanipour, *op. cit.*, p.46 Traduzido pelo autor

142Ibid. p.63

143Ibid p.181

144“The street is a scene of outside life, and what is to be seen on the street are beggars, tourists, merchants, students, children playing, old people resting – a scene of human differences. What is the relation of these differences to inner life? What is the spiritual value of diversity?” Richard Sennett, *The Conciensce of the Eye*, p.9

145Ali Madanipour, *op. cit.* p.175 Traduzido pelo autor

cultura ocidental desde há bastante tempo, assume na nossa época proporções nunca antes experimentadas. *A cidade cristã depositou grande valor no interior - no abrigo dentro de edifícios bem como nas experiências interiores. A cidade do Iluminismo procurou trazer as pessoas para fora - mas para os campos e as florestas, mais do que para ruas cheias de fervilhantes multidões. [...] No entanto, ambos os códigos de introversão e unidade que moldaram a nossa cultura, tornam difícil lidar com factos de diversidade. Temos dificuldade em entender a experiência da diferença como um valor humano positivo.*¹⁴⁶

Contudo, as cidades continuam a oferecer no seio do anonimato a possibilidade de inúmeras pessoas experimentarem a liberdade de se comportarem não de acordo com um modo de viver imposto, mas de acordo com a sua vontade e a sua identidade. *A cultura da cidade era uma questão de experienciar diferenças - diferenças de classe, idade, raça e gosto para além do território familiar de cada um, numa rua.*¹⁴⁷ As cidades possibilitam o desenvolvimento de um intrincado mosaico de subculturas¹⁴⁸ que partilham o espaço impessoal da cidade, adicionando-lhe novos níveis de significado e novos modos de ocupar. O espaço público é, portanto, o palco da diversidade, o espaço de contacto com o outro, apesar de o espaço público se ter fundido com o privado através das tecnologias de informação, permitindo a criação de um meta-espaço de comunicação, o contacto e o encontro físico com o outro, amigo ou estranho é essencial. É como se uma pessoa ao chocar com outros transeuntes se fosse apercebendo do seu corpo, e portanto da sua existência, e pelo simples facto de poder ver o outro, poder confirmar também a sua existência. *Preocupar-se com o que se vê do mundo conduz à mobilização dos poderes criativos de cada um. Na cidade moderna, estes poderes criativos devem tomar uma forma particular e humana, virando as pessoas para o exterior. A nossa cultura tem a necessidade de uma arte de exposição; esta arte não nos tornará vítimas um dos outros, senão adultos mais equilibrados, capazes de lidar e aprender com a complexidade.*¹⁴⁹

146Richard Sennett, *op. cit.*, p.97 Traduzido pelo autor

147Richard Sennett, *op. cit.* p.126 Traduzido pelo autor

148Christopher Alexander, *A Pattern Language*, p.43

149Richard Sennett, *op. cit.*, p.xiv Traduzido pelo autor

“The parallel alignment of two series of buildings defines what is known as a street. The street is a space bordered, generally on its two longest sides, by houses; the street is what separates houses from each other, and also what enables us to get from one house to another, by going either along or across the street. [...] Contrary to the buildings, which almost always belong to someone, the streets in principle belong to no one.”

Georges Perec

“The street is an institution.”

Spiro Kostof

O ESPAÇO INTEMPORAL

A reflexão sobre “a condição imutável do homem”, incide essencialmente na produção do espaço público ao longo do tempo, uma vez que é na sua produção e variação que se afirma e exprime a evolução das sociedades, a regulação das relações entre indivíduo e comunidade. Assim, os elementos morfológicos do espaço urbano essenciais nesta dualidade público-privado, indivíduo-comunidade, e transversais a diversas épocas e culturas, ainda que, claramente, com diferentes expressões e significados, são a rua e a praça. Rua e praça são os elementos depositários da vida em comum de uma cidade, são locais de partilha, os locais onde a vida acontece, onde é possível sentir o tempo passar, seja o passar do dia até este se transformar em noite, seja a sucessão das estações do ano, que depositam um espectáculo sensorial em constante mudança. Rua e praça materializam um sentido de perenidade e, simultaneamente de vida e convivialidade.

A cidade, entendida como um artefacto construído por sucessivas gerações, abarca um grande número de permanências na sua forma, *estas, podem-se revelar através dos monumentos, os sinais físicos do passado e ainda através da persistência dos traçados e do plano. [...] As cidades permanecem sobre os seus eixos de desenvolvimento, mantêm a posição dos seus traçados, crescem segundo a direcção e o significado de factos mais antigos que os actuais, factos esses muitas vezes remotos.*¹⁵⁰ De facto, a definição do traçado consegue atravessar períodos longuíssimos de tempo, não sobrevivendo nenhum edifício que o incorporara na sua génese, o plano permanece sob diferentes edificações, podendo mesmo vir a deformar-se sem sofrer, contudo, alterações profundas.

Apesar de determinados factos urbanos adquirirem uma permanência nas cidades, os significados que lhes são atribuídos são variáveis. *Nenhum desenho físico dita um significado permanente. Grelhas, como qualquer outro desenho, podem tornar-se no que qualquer sociedade em particular as fizer representar. Se os Romanos viam a grelha como*

¹⁵⁰Aldo Rossi, *op. cit.* p.76

*um desenho com carga emocional, os Americanos foram os primeiros a usá-la para um diferente propósito, para negar que a complexidade e a diferença existiam no ambiente. A grelha foi usada nos tempos modernos como um plano que neutraliza o ambiente. [...] A cidade militar romana foi concebida para se desenvolver, a seu tempo, dentro das suas fronteiras; era um desenho a ser preenchido. Da grelha moderna pretendia-se que fosse ilimitada, para expandir quarteirão após quarteirão à medida que a cidade crescia.*¹⁵¹ Por conseguinte, as funções de determinados factos urbanos não são suficientes para definir a sua continuidade, pois mudam ou deixam de existir, todavia *continuamos a fruir elementos cuja função de há muito se perdeu; o valor destes factos reside unicamente na sua forma.*¹⁵² E este valor perene traduz a permanência da história, a sua corporificação. *A própria cidade é a memória colectiva dos povos; e, tal como a memória está ligada a factos e a lugares, a cidade é o locus da memória colectiva.*¹⁵³ Então, esta preservação de uma memória viva e operacional, faz parte do quotidiano, e não é somente uma musealização de um passado histórico, que o afasta do presente, em nome de um anacronismo saudosista; *as chamadas conservações ambientais estão para os valores da cidade no tempo como o corpo embalsamado de um santo está para a imagem da sua personagem histórica.*¹⁵⁴ Portanto a permanência dos factos urbanos, nomeadamente o traçado, são o garante de uma continuidade temporal da memória e, portanto da história, sem as quais a identidade se perde, dado que, sem memória do passado, dos acontecimentos que nos trouxeram até aqui não será possível compreender o presente, e, ainda menos, aventurarmo-nos no futuro. *E assim, a união entre o passado e o futuro está na própria ideia da cidade que a percorre, tal como a memória percorre a vida de uma pessoa, e que para se concretizar se deve sempre formalizar, mas também conformar com a realidade. E esta conformidade permanece nos seus factos singulares, nos seus monumentos, na ideia que deles temos.*¹⁵⁵

RUA, PALCO DO QUOTIDIANO

A rua é possivelmente um dos elementos primitivos da cidade. Teve início no trilho palmilhado durante milénios por homens e animais, primeiro, quando o ser humano era um simples recolector daquilo que a natureza proporcionava, os trilhos eram utilizados na caça; depois, quando o ser humano compreendeu o milagre da vida, e o aplicou na agricultura e na domesticação de animais, parando, então, e instalando-se num lugar, os trilhos passaram

151Richar Sennett, *The Conscience of the Eye*, p.48 Traduzido pelo autor

152Aldo Rossi, *op. cit.* p.79

153Ibid. p.192

154Ibid. p.79

155Ibid. p.193

a ser usados na transumância e pastoreio. Com o crescer das comunidades e o adensar das estruturas e relações sociais, intrincando-se cada vez mais em padrões mais complexos, os assentamentos foram crescendo e a sua estrutura também se tornou mais complexa, surgindo, então as primeiras cidades, que ora são fruto de uma junção de comunidades, ora são fruto de um poder institucional (chefe, rei, sacerdote), à volta do qual existia uma aglomeração social errática.¹⁵⁶

À medida que a história do homem se faz avançar, novas cidades são fundadas, e, em muitas culturas antigas, a cidade na terra representa um modelo celestial, que é necessário reproduzir fielmente¹⁵⁷. Assim o caminho transfigura-se, passa do trilho “naturalmente” marcado no solo para a rua, um elemento que nasce do traçado, do desenho, da geometria, processo primeiro de uma artificialização do mundo. *O gesto do traçado – quase fenómeno cósmico enraizado na humanidade – é encontrado também nos assentamentos coloniais, nas cidades militares e, de um modo geral, em todas as cidades planeadas. [...] O traçado tem um carácter de permanência, não totalmente modificável, que lhe permite resistir às transformações urbanas.*¹⁵⁸ Esta artificialização primeira do mundo exprime-se na composição da rua, na medida em que ela é um espaço aberto, vazio, mas pavimentado, portanto que se distingue do espaço circundante. *A pavimentação é importante [...] o subentendido de uma superfície delimitada, um espaço aberto artificialmente demarcado [...] torna-se central ao desenvolvimento da rua e da sua hierarquia.*

A rua tornou-se o eixo estruturador da cidade, funcionando como as veias de um organismo, permitindo a pulsão de fluxos vitais. A rua é o elemento organizador, delimita o lote, o quarteirão, o bairro, é o intermediário entre privacidade e intimidade e o espaço público, comum. A rua torna-se o palco da vida quotidiana, o entrar e sair, o passar, o cruzar-se com estranhos e conhecidos, o parar; ela torna-se o suporte das actividades urbanas, das trocas, do comércio, do movimento, da convivialidade. A rua vai-se adensando de significados e de funções, vai-se moldando aos tempos e às vontades. Para além das funções práticas – tráfego, acesso a propriedade adjacente – que surgem em primeiro lugar na nossa mente, por serem as mais óbvias, *a realidade fundamental das ruas, como com todo o espaço público, é política. Se a rua foi uma invenção, propôs-se designar um domínio público precedente de quaisquer direitos individuais [...] A rua, para além do mais, estrutura a comunidade. Põe a descoberto o funcionamento da cidade e oferece um cenário para os*

156Spiro Kostof, *The city shaped*, p. 34

157Idem

158José Ressano Garcia Lamas, *Morfologia urbana e desenho da cidade*, p. 100

seus rituais comuns.¹⁵⁹ A rua é o teatro do poder, o palco das lutas quotidianas entre interesses públicos e privados, que desafiam constantemente o controlo público da rua.¹⁶⁰

Eis que surge de rompante a revolução industrial, e as cidades acolhem a mão-de-obra que foge aos magotes do campo, dominado pela máquina, que elimina a necessidade de recorrer ao suor de milhares de camponeses, milenarmente ligados à terra, mas rapidamente substituídos por máquinas fumegantes muito mais produtivas. Portanto resta apenas uma saída, o refúgio na cidade, que exige cada vez mais trabalhadores para as suas fábricas e, assim, as cidades tornam-se sobrepovoadas, reagindo pouco atempadamente ao influxo exponencial de habitantes. A rua torna-se em determinados locais, a par de muitos bairros operários, insalubre, insegura, sobrepovoadas.

Então, a rua torna-se um inimigo a abater. Para Le Corbusier, imbuído na sua ideologia anti-histórica, a rua-corredor tem os seus dias contados, assim a rua reparte-se num funcionalismo que determina a separação da circulação das pessoas e dos veículos. A rua transforma-se em auto-estradas serpenteantes para o automóvel, e em verdes parques para o peão. Ora, se por um lado a racionalidade por trás desta separação a justifique, principalmente devido à insalubridade da cidade industrial, que Le Corbusier apelida de cancro,¹⁶¹ a realidade veio testemunhar a machadada final nos laços sociais que ainda sobreviviam na cidade capitalista. A exuberante diversidade da rua, foi destruída em prol de uma utopia que pretendia possibilitar a máxima liberdade individual, mas, que na realidade, apenas não era mais que liberdade de qualquer responsabilidade.¹⁶²

A rua regressa, porventura, principalmente devido à fúria da nova geração dos anos 60 e 70, que se revolta com destruição causada não apenas pela guerra, mas pela posterior reconstrução Modernista que seria mais destruidora que as bombas largadas sobre cidades em pânico. A rua volta a revestir-se de um sentido colectivo nos conturbados anos 60, com as lutas políticas e o desafiar das novas gerações das instituições até aí fortes e opressoras. *Talvez mais importantes foram as convulsões de protesto público em ambos os continentes que trouxeram multidões de pessoas para o exterior, ocupando as ruas e praças das cidades, assim investidas, uma vez mais, de vida política e propósito cívico.*¹⁶³ Portanto os cidadãos reclamaram novamente o valor do espaço público para expressar a sua vontade política, e, em massa, proceder à revolução das instituições de uma sociedade na qual não mais podiam viver.

¹⁵⁹Spiro Kostof, *The City Assembled*, p.194 Traduzido pelo autor

¹⁶⁰*Idem*, p.191

¹⁶¹Françoise Choay, *L'urbanisme, utopies et réalités*, p. 235

¹⁶²Jane Jacobs, *Life and death of great American cities*, p. 32

¹⁶³Spiro Kostof, *op. cit.* p.239 Traduzido pelo autor

Numa dimensão menos política, uma revolução também teve lugar, mas desta vez em relação à hegemonia do automóvel. Os cidadãos, a par dos arquitectos e urbanistas, voltaram a olhar para a rua enquanto espaço de sociabilidade, e, assim, o automóvel não podia continuar a ocupá-la na sua totalidade, a poluí-la e a transtorná-la. Na Holanda dos anos 70 nasce a *Woonerf*, ou rua habitada, *uma rua em que a função primordial não fosse a de conduzir e estacionar, mas caminhar e brincar*.¹⁶⁴ Em diversas cidades, os centros históricos tornam-se paraísos pedonais, ficando interdito o acesso a automóveis. Assim, tentou-se recuperar o valor de fruição que a rua podia oferecer. *Era o palco da cerimónia solene e do espectáculo improvisado, da observação de pessoas, do comércio e do recreio*.¹⁶⁵ A rua tornou a encontrar o seu valor social, tornou a ser vivida e partilhada. *O conceito da rua vivida assenta na ideia que os habitantes têm algo em comum, que esperam algo uns dos outros, ainda que pela simples consciência que precisam uns dos outros*.¹⁶⁶

A PRAÇA, REPOSITÓRIO DE UM DESTINO COMUM

Enquanto a rua nasce quase naturalmente do movimento dos homens, a praça nasce de uma vontade colectiva de reservar uma larga área para as actividades que exijam a reunião das pessoas. *Se a rua, o traçado, são os lugares de circulação, a praça é o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquitecturas significativas*.¹⁶⁷ O arquétipo da praça remonta aos primórdios da civilização, e apresenta-se ao longo de diferentes épocas e em diferentes formações, na ágora grega, centro da vida política da *polis* grega, no fórum romano, no largo do mercado e no adro da igreja medievais até que *a partir do Renascimento [a praça insere-se] em definitivo na estrutura urbana e adquire o seu estatuto até fazer parte obrigatória do desenho urbano nos séculos XVIII e XIX*.¹⁶⁸

Na génese da praça, espaço vazio da cidade encontram-se as actividades motrizes da vida das cidades, o comércio, sustento do quotidiano, e o poder político, gestão de uma vida conjunta. *Provavelmente os dois usos primordiais do espaço público foram mercados e centros cívicos. Não era fora do comum estas instituições ocuparem o mesmo espaço*.¹⁶⁹ No entanto os usos de uma praça são múltiplos e variam com o tempo. *Os mercados deslocam-*

164Ibid. p.240

165Ibid. p.243

166Herman Hertzberger, *Lessons for Students in Architecture*, p.54 Traduzido pelo autor

167José Ressano Garcia Lamas, *Morfologia urbana e desenho da cidade*, p. 102

168Idem

169Spiro Kostof, *op. cit.* p.153 Traduzido pelo autor

*se, os desportos interiorizam-se, a praça de armas torna-se obsoleta. O fórum dos romanos era, no seu tempo, centro político e religioso, escola, mercado e tribunal: tudo-em-um.*¹⁷⁰

Assim, o significado atribuído às praças vai também variando, e, conseqüentemente, a sua forma, a sua disposição na cidade, a sua utilização variam. Se durante o Iluminismo a praça é um elemento unificador do espaço urbano e da sociedade,¹⁷¹ no século seguinte a praça parece ser a solução repetidamente usada. *Quando as monarquias constitucionais e os instrumentos do Estado Liberal sucederam à era do Absolutismo no decurso do século XIX, o centro cívico dispersou as suas energias concentradas em múltiplas praças, algumas constituindo mostruários dos ramos da prodigiosa nova burocracia e outras enquadrando novas instituições culturais.*¹⁷² Por conseguinte, surge uma miríade de praças para enquadrar urbanisticamente as novas instituições culturais do século XIX, a Ópera, o Museu, a Biblioteca. Estas novas praças fazem parte de um vasto programa de obras públicas que se fazem sentir nas antigas cidades, abrindo largas avenidas arborizadas onde antigamente se encontravam os baluartes defensivos, entretanto, tornados obsoletos, ou rasgando o tecido urbano compacto, para abrir caminho à modernidade e ao tráfego.

A praça historicamente encontrava-se no ponto de encontro de dois ou mais caminhos, criando-se um largo na sua confluência. *A convergência e distribuição de tráfego sempre constituiu uma razão de ser da praça urbana. É óbvio que as necessidades de tráfego superariam a existência da praça como lugar de reunião.*¹⁷³ Portanto as praças tornam-se pontos fulcrais na rede de tráfego, exarcebando-se este papel com o advento do automóvel e o seu uso massificado. As praças são, pois, pontos de distribuição eficiente da enchente motorizada que inunda as cidades, e assim, o domínio do automóvel estende-se, para além das ruas, também sobre as praças, retirando-lhes o seu papel social, atulhando-as com automóveis, ora circulando velozmente à sua volta, ora estacionando sobre o pavimento. *Durante milhares de anos, as praças e ruas constituíram unidades fechadas e serviram de legítimos palcos urbanos para a interação social. Esse valor social fundamental das praças públicas tinha vindo a ser sacrificado na metrópole moderna em prol de cálculos*

170Ibid. p.144

171“*In the Enlightenment, the flooding in of light, so that one was drawn to look through an open window, did not usually give upon urban street scenes in fort for the most prosaic of reasons. Those who walked in cities were forced to wade through horse dung and slops from houses on streets that were usually unpaved or poorly laid. The biology of disease, the offense to the senses of rotting vegetable, fish and flesh – all these less-pleasing emanations of nature were on pungent display in concentrated form.[...] It was given these antiurban prejudices that the Enlightened planner set about to remedy the defects of the city through creating unities. The logical urban form to use in creating unity was the town square, the site in the city that concentrates crowds for business and pleasure.*” Richard Sennett, *The Conscience of the Eye*, p.89 90

172Spiro Kostof, *op. cit.*, p.156

173Ibid. p.159

*funcionalistas de engenheiros de tráfego e a exacerbada agorafilia dos urbanistas.*¹⁷⁴ Continuaram-se, portanto, a projectar praças, no entanto, o seu valor histórico e social é nulo, na medida em que o mundo social que animava um mercado medieval, ou uma ágora grega, deixou de existir. *Os nossos espaços públicos eram orgulhosos repositórios de uma história comum. Abandonámos grandemente esse sentido de um destino partilhado e os nossos lugares públicos demonstram-no.*¹⁷⁵ As praças desenhadas recentemente, salvo raras excepções, são espaços vazios, destituídos de significado. *O historiador urbano Paul Zucker afirma o caso categoricamente quando diz que as praças modernas são simplesmente espaços marcados como tal nos mapas, que "na realidade não são mais do que simples vazios, áreas esvaziadas entre a rede de ruas." As praças modernas são demasiado abertas e amorfas para definir um volume positivo.*¹⁷⁶

A forma das praças é, historicamente, muito diversa. Desde praças triangulares, resultado de um alargamento, trapezoidais, rectangulares, em forma de L, geralmente o resultado da junção de duas praças distintas, circulares ou elípticas, ou formando um hemicírculo. Grande parte das praças encerra em si uma memória de tempos idos, representando a permanência de determinados factos urbanos há muito extintos, como um hipódromo ou um anfiteatro romano, ficando somente um espaço vazio, perene, que relembrará um passado longínquo. *O comum rectângulo, por outro lado, é possivelmente a forma mais usada para o espaço público. Uma das suas vantagens é precisamente permitir um eixo direccionado orientado para um momento culminante.*¹⁷⁷ E, de facto as praças rectangulares são as mais comuns no universo urbano, integram-se nas malhas rectilíneas, sendo por vezes somente a subtracção de um dos blocos. E, se uma praça recebe em si uma miríade infindável de acontecimentos, desde festivais, a feiras e mercados, a paradas e manifestações, o seu desenho não deve ser demasiado restritivo, deve dar lugar a uma apropriação do espaço. *Também na concepção de uma nova praça, um certo défice de desenho ou uma opção pelo desenho generalizado, compensam em termos de usos mistos.*¹⁷⁸

Uma praça é, portanto, um lugar comum, onde o poder político, a história e a identidade colectivas fazem notar a sua presença. A praça pode continuar a ser, ainda, o espaço da sociabilidade, do encontro, do descanso, do jogo e da criatividade. A praça pode ainda proporcionar um sentido colectivo da existência, talvez já não somente com as antigas actividades, as quais são, contudo, pertinentes na actualidade, desde os mercados à

174Ibid. p.138

175Richard Sennett, *The Conscience of the Eye*, p.187 Traduzido pelo autor

176Spiro Kostof, *op.cit.*, p.150 Traduzido pelo autor

177Ibid. p.150

178Ibid. p.144

demonstração de uma vontade política. E novas actividades têm surgido, trazendo novas expressões culturais à praça, desde os grupos de *skaters* aos praticantes de yoga, a praça presta-se a inúmeras actividades colectivas. A praça tem sido, e pode continuar a ser o repositório de um destino comum.

CENTRO COMUNITÁRIO EM ALCÂNTARA

O LUGAR

Depois de uma reflexão relativamente extensa, onde foram analisados factores mais vastos e globais, que extravasam o campo da arquitectura, cabe agora passar de um plano teórico para um plano prático, onde se podem formalizar ideias, e, em confronto com a realidade, num lugar específico, poder-se-á experimentá-las recorrendo aos instrumentos próprios da disciplina da arquitectura, isto é, a produção de espaço através da forma, dos materiais e da modelação da luz. Partindo duma reflexão sobre o pensamento utópico e a necessidade de o reavivar, centramo-nos na arquitectura e no seu contributo para a concretização de um futuro possível. É claro que a arquitectura tem um campo de acção limitado, na medida em que a produção de espaço, seja este real, ou apenas imaginado, é incapaz de, por si só, mudar a realidade sobre a qual incide. Múltiplos actores e disciplinas têm um papel preponderante no delinear de um futuro e a arquitectura vê-se subalternizada. No entanto, no seio da nossa disciplina, pelo seu carácter multidisciplinar, que impele o arquitecto a lidar com diversas áreas do conhecimento, é possível, obter uma visão abrangente da realidade, e, assim, a passagem do plano das ideias ao das coisas construídas, que se foca num lugar determinado, com características próprias, permite dar forma a significados mais profundos e a desejos que vão muito mais além do que simples paredes, portas e janelas.

É no diálogo com o lugar que a arquitectura se desenvolve, deixando-se contaminar por ele, e introduzindo simultaneamente elementos novos que ir-lhe-ão conferir um novo significado. *Quando constróis algo não podes simplesmente construir algo isolado, mas deves também reparar o mundo à sua volta e no seu âmago, de tal modo que o mundo nesse lugar se torne mais coerente e mais inteiro; e aquilo que constróis assuma o seu lugar na natureza.*¹⁷⁹

O lugar que servirá de campo de experimentação assume diferentes escalas. Desde a escala da cidade, em que se estabelece um conjunto de relações mais vastas com o território, passando pela escala do bairro, com uma lógica que potencia a sua coerência interna, chega-se à escala do edifício, com as suas características intrínsecas.

PLANO URBANO

O plano urbano centra-se em Alcântara, na área delimitada, a Norte pela Rua 1º de Maio e pelo Largo do Calvário, a Sul pela Avenida da Índia e pela Avenida de Brasília, a Nascente pelo nó rodoviário da Avenida de Ceuta, e a Poente pela Ponte 25 de Abril. A área de intervenção corresponde mais precisamente ao vazio urbano, resultado da desactivação das actividades industriais, adjacente ao complexo da Lx Factory. O plano urbano proposto tem

¹⁷⁹ Christopher Alexander, *A Pattern Language*, p.xvi

como ponto de partida o Plano de Urbanização de Alcântara (PUA) coordenado pelo Arquitecto Manuel Fernandes de Sá, consistindo num exercício crítico. Das orientações gerais do Plano de Urbanização de Alcântara salientam-se alguns pontos, que foram incorporados no plano urbano proposto. A afirmação de uma centralidade para a zona de Alcântara, espaço pertencente ao tecido urbano que compõe o núcleo histórico da cidade de Lisboa. O investimento em infra-estruturas de transportes, potencializando o papel de encruzilhada de vários meios de locomoção. E a melhoria ambiental, reforçando a disseminação de espaços verdes em meio urbano.

Alcântara, antigo limite e, portanto, lugar de entrada na cidade, permitida pela existência de uma ponte sobre a ribeira que aqui vem desaguar e que animava esta área, faz parte, actualmente, do casco histórico e no seu espaço encontram-se sedimentados vários momentos da evolução urbana. Da ponte resta apenas a memória, tendo-se tornado inútil depois de aterros sucessivos sobre o Tejo, e depois da ribeira ser encanada, para dar lugar à modernidade, que reclamava um piso sólido e sem obstáculos. Das indústrias que a animaram no século XIX, e início do século XX restam algumas estruturas, entretanto convertidas para novos usos; outras foram simplesmente arrasadas. Portanto, Alcântara é um lugar em constante transformação e a centralidade que lhe é devida encontra-se a caminho. O plano urbano propõe uma concentração de funções que actuarão tanto à escala da cidade e da área metropolitana, quanto à escala do bairro. Um conjunto de equipamentos públicos são propostos: um complexo desportivo, com campos de jogos, piscina olímpica e ginásio, um centro comunitário (o foco do projecto), residências de estudantes e ateliers partilhados. Estes edifícios beneficiarão da proximidade do interface de transportes públicos e, assim, reforçar-se-á a centralidade de Alcântara, e simultaneamente, consolidar-se-á o seu tecido urbano, enriquecendo a vida do bairro e dos seu moradores.

A construção de novas infra-estruturas de transportes é um dos pontos centrais do PUA, no entanto, o presente plano urbano propõe algumas alterações, não das directrizes que enformaram o PUA, mas da sua formalização. Este é o caso da ligação entre a linha de Cascais e a linha de Cintura, que era uma das principais condicionantes do PUA. Assim, obedecendo às mesmas condicionantes, a proposta para a ligação das duas linhas férreas consiste numa linha elevada que serve o porto e sobe a Avenida de Ceuta, entroncando na linha de Cintura, junto à estação de Alcântara-Terra. Esta linha elevada serve tanto comboios de mercadorias como de passageiros, sendo que a ligação com a linha de Cascais faz-se na estação de Alcântara-Mar, que se torna num interface entre as duas linhas. Esta proposta difere da do PUA, que supunha a ligação subterrânea das duas linhas,



Figura 1. Ortofotomapa. Plano Urbano

evitando-se o esforço tremendo que tal obra iria acarretar, devido aos riscos excessivos que o lugar oferece, desde as inundações ao risco sísmico latente, e aos custos astronómicos que a obra exige.

Por último, as preocupações ambientais do plano urbano reflectem-se na implementação de um corredor verde, proposto pelo PUA, que interliga o Parque Florestal de Monsanto, a Tapada da Ajuda e a frente ribeirinha, transformada a área defronte da Gare Marítima de Alcântara em parque urbano. As áreas adjacentes ao cruzamento da Avenida de Ceuta com a Avenida da Índia são reservadas para a criação de bacias de retenção, ficando desprovidas de qualquer construção, e, por conseguinte transformando-se também em parques urbanos.

ESPAÇO PÚBLICO

A organização do espaço público centra-se numa grande praça alongada e relvada, que se abre para a Avenida da Índia. A sua área corresponde sensivelmente ao vazio pré-existente, o qual é preenchido, moldando-se os novos edifícios à malha urbana e assim, da irregularidade que compunha os limites do vazio urbano, nasce uma praça rectangular. A praça é delimitada por uma pérgola em três dos seus lados, o lado sul, da Avenida da Índia, é delimitado por um grande espelho de água. A pérgola, para além de proporcionar um percurso coberto assume também um outro papel funcional, uma vez que sobre os arcos e sob o plinto que a constituem encontram-se as tubagens necessárias para todos os edifícios em volta da praça. É então o elemento originador da praça, o primeiro a ser construído, funcionando como um arruamento fundador, que disponibiliza as infra-estruturas básicas e que depois se queda expectante. Assim, os edifícios poderão ser construídos gradualmente, mas a praça estará, à partida, definida.

A praça não é demasiado desenhada. Somente alguns elementos a ocupam, algumas árvores que criam um espaço com um tecto refrescante, um percurso de água que culmina num lago e alguns caminhos que a cruzam, diferenciando-se o seu pavimento do prado que compõe a praça. Portanto, pretende-se que a praça possa albergar uma multiplicidade de usos e acontecimentos, desde feiras e mercados a concertos e festivais, mas que no seu quotidiano possa ser um espaço aprazível, onde seja possível dormir uma sesta sobre a relva fresca, ou uma criança brincar com a água corrente que atravessa a praça.

No lado nascente da praça encontra-se um conjunto compacto de edifícios. Junto à Avenida da Índia, estabelece-se o complexo desportivo, com uma escala que dialoga com a dimensão do eixo formado pelas Avenidas da Índia e Brasília e pela linha de Cascais. Neste

ponto a estrutura da pérgola atravessa este eixo, estabelecendo uma ponte pedonal entre a praça e a frente ribeirinha, e, sobre a linha de Cascais, permitindo um acesso à estação de Alcântara-Mar e à ponte ciclo-pedonal que parte da Avenida de Ceuta. Os outros edifícios que compõem o lado nascente da praça consistem em edifícios de habitação em banda, perpendiculares à praça e assentes sobre um plinto definido por lojas com entrada sob a pérgola e estacionamento com entrada pela rua paralela à praça. Os edifícios formam um logradouro semi-público elevado em relação à cota da rua. Já próximo do topo norte da praça o limite nascente abre-se num largo coberto de laranjeiras, do qual parte o percurso de água, que tem início numa fonte que inunda o espaço com o som da água em movimento. O largo é definido, no lado nascente por um edifício de uma antiga fábrica, que se assemelha pelas suas proporções e desenho dos vãos a uma *loggia* renascentista, no lado norte pela cantina do centro comunitário, em cuja fachada se abre um arco que permite atravessar o edifício, passando por um pátio. No seu lado poente, encontra-se a pérgola que delimita a grande praça, e no seu lado sul, a residência de estudantes. O lado poente da praça encontra-se ocupado por um corpo alongado, justaposto ao edifício da Lx Factory, e com ele estabelecendo um conjunto unificado de ateliers partilhados e lojas. O edifício funciona como uma grande nave industrial, servido por uma galeria no primeiro piso, aberta para a pérgola. O seu interior é constituído por espaços de pé-direito duplo, e com iluminação zenital. O topo norte da praça é dominado por uma torre alta e sólida de tijolo acastanhado, que faz parte do centro comunitário.

O EDIFÍCIO

O centro comunitário afirma-se como um espaço heterotópico de práticas sociais que estimulam a participação cívica, a transmissão de conhecimentos e a criatividade. E assim, torna-se num espaço onde novas realidades podem ser testadas e germinadas. A sua contribuição para a construção de uma utopia reside no impacto que tem na realidade quotidiana, permitindo o encontro e a confraternização, para, assim, esbater-se a noção do “outro” como um ente estranho, e por isso ameaçador. Ao conviver com o “outro”, seja em aulas de artesanato, assembleias de bairro ou palestras, a estranheza vai sendo delapidada, e novas possibilidades de relacionamento surgirão. Num mundo em que o tempo é libertado das amarras do trabalho produtivista, surgirão novas e estimulantes oportunidades para ocupar o tempo. Assim, os indivíduos em posse de um tempo verdadeiramente livre, poderão dedicar-se a vidas onde a contemplação, o prazer e a convivialidade, não são actividades menosprezadas pela tirania do tempo, deixarão de ser realizadas à pressa,

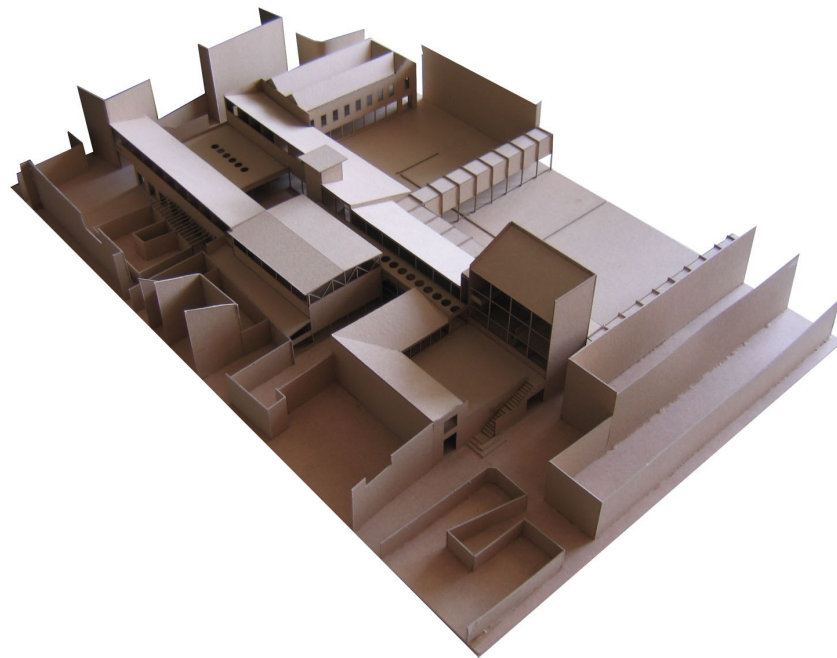
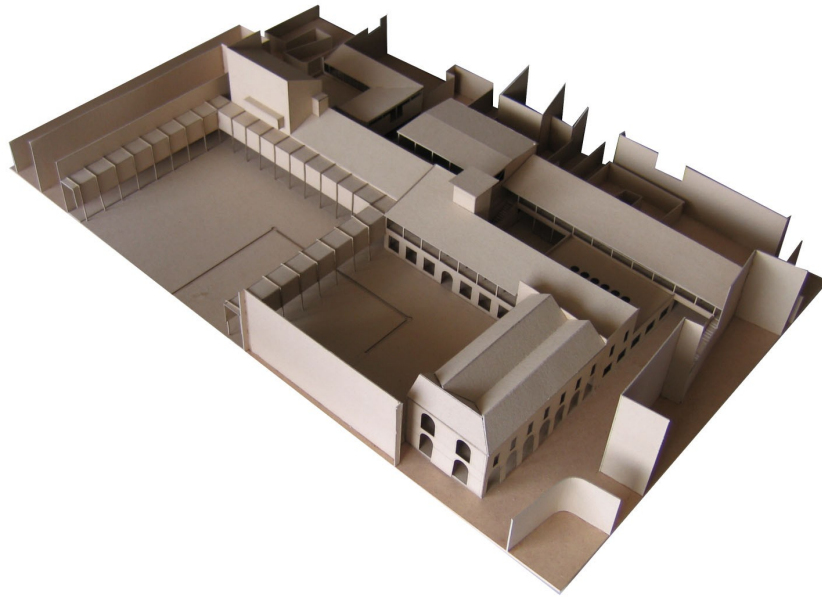


Figura 2: Maqueta. Vista Sudeste e Noroeste

contando cada minuto, numa ânsia castradora.

O centro comunitário congrega uma biblioteca, oficinas, auditório, cantina, creche, mercado de trocas e salas para associações, o que possibilita uma concentração intergeracional no mesmo espaço, convidando ao contacto e à partilha, e possibilitando uma efectiva participação cívica que envolva os indivíduos na definição dos destinos das suas comunidades. As diferentes funções articulam-se ao longo de espaços de circulação que formam simultaneamente um espaço intersticial, um espaço de estadia e convívio; ora um murete à porta das oficinas onde as pessoas se podem sentar e conversar, ora os degraus de umas escadas que dominam um pátio e servem de ponto de encontro.

O edifício forma uma pequena cidade. Está organizado ao redor de dois pátios, unidos por um longo corredor. O pátio poente encontra-se sobranceiro à rua, abrindo-se sobre esta e acedendo-se por uma escadaria adossada à fachada. O pátio é definido nos restantes três lados por um corpo baixo em L, que limita os lados norte e nascente, e, a sul, por uma torre com uma fachada envidraçada. O corredor interior, eixo principal do edifício, funciona como uma rua de dois níveis. No nível superior, encontram-se a biblioteca, a biblioteca infantil, uma grande nave polivalente, e a entrada superior do auditório. O corredor culmina no átrio principal do centro comunitário e abrindo-se para uma escadaria que dá acesso ao pátio nascente, à volta do qual se desenvolve a cantina, no piso térreo, a creche e as salas para associações no piso superior, em dois corpos longilíneos. A cobertura da cantina serve de espaço de recreio da creche. No piso térreo, o corredor é ladeado pelas oficinas de pé-direito duplo, pelas salas da administração, os balneários e o foyer.

O edifício é composto por elementos que se ligam à memória do lugar e ao seu passado industrial. O sistema construtivo é herdeiro desse passado, reutilizando a arquitectura do ferro e da alvenaria de tijolo. No entanto o uso do tijolo não remete somente para a arquitectura industrial do século XIX, este é um material milenar e universal, utilizado em virtualmente todos os recantos do mundo, e, pelo seu valor plástico e simbólico – tijolo assente sobre tijolo conseguirão juntos alcançar alturas inigualáveis, contando com a cooperação de cada elemento – pareceu ser a escolha indicada.

O centro comunitário é o epítome do lugar da democracia, da fraternidade e da criatividade. Aqui os laços que unem os indivíduos nas suas comunidades são fortalecidos. É aqui também, onde nasce uma nova realidade possível, cujo ponto de partida reside na acumulação de experiências do passado e na sua assimilação pelos homens e mulheres de hoje, para, assim, caminharem juntos para um outro futuro possível.

CONCLUSÃO

Como pudemos observar, o capitalismo assumiu os destinos do mundo sob a sua égide, agrilhoando todos os parâmetros da existência às suas lógicas de acumulação de capital. Se a sua génese era benevolente, os seus resultados são devastadores. A destruição do meio ambiente, o esgotamento dos recursos naturais, a subjugação de dois terços da humanidade a condições desumanas, a desestruturação dos laços sociais, a eliminação da multiplicidade cultural são consequência de uma sociedade de consumo imediato, materialista e individualista, e de um crescimento económico ilimitado que se baseia na subjugação da inovação tecnológica e científica à prossecução do programa capitalista de aceleração dos tempos de produção e consumo. Assim, ergueu-se uma sociedade passiva, anestesiada, desligada da participação pública e política, que consome compulsivamente numa tentativa de preencher o vazio deixado pela ausência de laços sociais fortes e de objectivos de vida cujo significado possa dar sentido à existência. Porém, e por muito demente e esquizofrénico que possa parecer, não existe ainda vontade política real para inverter o rumo, e assim, se eleva um discurso que invalida a exploração de alternativas, eliminando a esperança por um mundo melhor.

Mas a utopia é ainda um terreno fértil a ser explorado. Não atingimos o fim da história, nem da utopia. A insatisfação continuará a ser uma força motriz para a mudança do *statu quo*, apesar ser tremendamente mais difícil lutar contra uma força sem rosto, que é o capitalismo globalizado; e transformar uma sociedade passiva e dormiente, numa sociedade exigente e participativa é uma tarefa hercúlea. No entanto, é possível ainda traçar um esboço de um futuro possível, no qual o crescimento económico deixará de ser a pedra de toque do mundo, e no qual viverá serenamente sobre a face da terra uma sociedade em consonância com a natureza, revalorizando o local, a autonomia e a cooperação, uma vez que as necessidades materiais tornar-se-ão mais sóbrias e frugais, prevalecendo o desenvolvimento do espírito, da mente e das relações sociais. E obviamente, este esboço de futuro é uma utopia, no sentido em que é um projecto de esperança, para o qual, todavia, se pode caminhar através das nossas práticas quotidianas e assim influenciar e mudar o mundo subsequente. Contudo, viver sem sonhar num mundo no qual não se pode viver tal como foi herdado, não parece ser uma hipótese real.

Somente a par da recuperação destes valores conviviais, e de uma mudança visceral de paradigma, a arquitectura pode re-significar-se e voltar a dar sentido à sociedade. Porém, o papel da arquitectura é limitado, uma vez que apenas lida com a organização espacial, com o ambiente construído, e portanto, é incapaz de alterar a totalidade do paradigma em que se

insere. Mas, a arquitectura pode indicar caminhos e, potenciar uma mudança social exactamente através da modulação do espaço, estimulando o encontro entre vizinhos, em ruas ricas de vida e acontecimentos ou pode ainda gerar um sentimento de partilha de um espaço comum, onde as pessoas podem expressar fisicamente a sua identidade. O espaço público pode renascer enquanto espaço representativo de uma identidade colectiva, aprendendo com os milhares de anos que nos antecederam. Todavia, desenhar espaços públicos convidativos à permanência e ao encontro não é suficiente para uma mudança real da sociedade. Mas, a construção de espaços que abrigam práticas sociais alternativas, é um passo para desafiar e mudar a sociedade. Espaços estes, onde o mundo pode ser experimentado de um modo diferente, e que portanto deixa entrever outras realidades possíveis.

De facto, a humanidade viveu mudanças alucinantes nestes dois últimos séculos, que abalaram as fundações mais profundas da nossa existência. Contudo, existe uma condição imutável do homem, um carácter que permanece; os desejos e sonhos mais profundos são hoje praticamente os mesmos de há milénios – protecção, amor, satisfação pessoal naquilo que se faz – para além das necessidades básicas para a sobrevivência, que são verdadeiramente imutáveis. Hoje, os desejos dos homens alcançam novos limites, no entanto, muitos desses desejos são futilidades artificiais. O Homem tem-se implantado na paisagem segundo um modo intemporal de construir, e hoje esse sentido encontra-se toldado pelas obrigações de funcionalidade, que correspondem a uma tecnocratização do meio ambiente. No entanto, o maravilhamento que surge ao contemplar uma paisagem, natural ou humanizada, reconhecendo o seu valor ontológico, continua a ser uma experiência transcendental. E, portanto, a recuperação deste modo intemporal de construir é ainda possível, e desejável.

E, então, poder-se-ão recuperar os factos urbanos constantes ao longo da história da humanidade, que encerram em si o valor memorial e identitário de outrora, e construí-los nas nossas cidades para múltiplas comunidades urbanas cheias de vida e diversidade, as quais compõem um intrincado tecido social e que têm no espaço público um palco para o quotidiano, e um repositório de um destino comum. Uma arquitectura hoje, apenas é possível resgatando o futuro, recorrendo ao passado.

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, Christopher; *A Pattern Language*; Oxford University Press; Nova Iorque; 1977
- ALEXANDER, Christopher; *The Timeless Way of Building*; Oxford University Press; Nova Iorque; 1979
- BEUYS, Joseph; *Cada Homem um Artista*; 7 Nós; 2010
- BOORSTIN, Daniel J.; *Os Descobridores: Do domínio do tempo à conquista dos mares*; Círculo de Leitores; Lisboa; 1987
- CHOAY, Françoise; *L'urbanisme, utopies et réalités*; Éditions du Seuil; 1965
- FOULCAULT, Michel; *Heterotopias and other spaces*;
- FRAMPTON, Kenneth; *História crítica da arquitectura moderna*; Martins Fontes; São Paulo; 2000
- FREITAG, Michel; *Arquitectura e Sociedade*; Publicações Dom Quixote; Lisboa; 2004
- FRIEDMAN, Yona; *Pro Domo*; Actar; Barcelona; 2006
- FUKUSHIMA, Francis; *O Fim da História e o Último Homem*; Gradiva; Lisboa; 1992
- GIEDION, Siegfried; *Space, Time and Architecture*; Harvard University Press; Cambridge 1946
- HALL, Peter; *Cities of Tomorrow*; Blackwell Publishing; Oxford; 2002
- HARVEY, David; *Spaces of Hope*; University of California Press; Los Angeles; 2000
- HERTZBERGER, Herman; *Lessons for Students in Architecture*; 010 Publisher; Roterdão; 2009
- INNERARITY, Daniel; "Recuperar el porvenir"; *El País*; 17 de Maio de 2009 URL: http://www.elpais.com/articulo/opinion/Recuperar/porvenir/elpepiopi/20090517elpepiopi_4/Tes
- JACOBS, Jane; *The death and life of great American cities*; Peregrine Books; 1984
- JAMESON, Frederic; *The Cultural Logic of Late Capitalism*;
- KOSTOF, Spiro; *The City Assembled*; Thames and Hudson; Londres; 1992
- LOZANO, Eduardo E.; *Community Design and the Culture of Cities*; Cambridge University Press; Cambridge; 1993
- MADANIPOUR, Ali; *Public and private spaces of the city*; Routledge; Londres; 2003
- KAGAN, Robert; *The Return of History and the End of Dreams*; Atlantic Books; Londres; 2008
- KOOLHAAS, Rem; "Junk-space", *Content*; Taschen; Colónia; 2004
- LAMAS, José M. Ressano Garcia; *Morfologia urbana e desenho da cidade*; Fundação Calouste Gulbenkian; 2007; Lisboa
- LATOUCHE, Serge; *Pequeno Tratado do Decrescimento Sereno*; Edições 70; Lisboa; 2011
- PEREC, Georges; *Species of Spaces and Other Pieces*; Penguin Books; Londres; 1999
- ROSSI, Aldo; *A Arquitectura da Cidade*; Edições Cosmos; 2001; Lisboa
- ROWE, Colin e KOETTER, Fred; *Collage City*; MIT Press; Cambridge; 1983
- SCHUMACHER, F. H.; *Small is beautiful: A study of economics as if people mattered*; Vintage Books; Londres; 1993
- SENNETT, Richard; *Flesh and Stones*; Penguin Books; Londres; 2002
- SENNETT, Richard; *The Conscience of the Eye: The Design and Social Life of Cities*; W.W. Norton; Nova Iorque; 1992
- TAFURI, Manfredo; *Projecto e Utopia*; Editorial Presença; Lisboa; 1985
- THOREAU, Henry David; *Walden ou a vida nos bosques*; Antígona; Lisboa; 2009
- WILKINSON, Richard e PICKETT, Kate; *The Spirit Level: Why equality is better for everyone*; Penguin Books; Londres; 2010
- WOODS, Lebbeus; *Utopia?* In *Lebbeus Woods* [Mensagem em linha]. 11 Outubro 2009 [Consult. 9 Março 2011]. Disponível em WWW: <URL:<http://lebbeuswoods.wordpress.com/2009/10/11/utopia/>>

Número de palavras: 20335

